ILUSTRAÇÃO

N.º 287 — 12.º ano

1-DEZEMBRO-1937

PREÇO-5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Uma chavena d'
'OVOMALTINE'
pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. – BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

A aparecer:

EUGÉNIO DE CASTRO

ÚLTIMOS VERSOS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

A Pele Embranquece
Ao Contacto de Uma Nova Substância
Mágica

Descoberta de um Químico, por um Feliz Acaso

Quando um Químico parisiense deixou cair, acidentalmente, um pouco de «Branco de Oxigénio» puro em cima do braço nú, não imaginava que acabava de ser feita uma maravilhosa descoberta para embranquecer e purificar a pele. Mesmo à sua vista se destacavam as rugosas escamas da pele, e dessapareciam as imperfeições e as manchas, revelando uma nova epiderme fresca e clara, duma textura branca e fina. Experimentando no rosto de numerosas senhoras, tornou-lhes a pele de 3 a 5 tons mais branca e deu-lhe uma indiscritível macieza aveludada, semelhante à das partes delicadas e cuidadosamente protegidas do corpo.

Por privilégio exclusivo, êste «Branco de Oxigénio» está agora contido no Novo Créme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso). Penetra na pele, que purifica, dissolve e faz desaparecer todos os pontos negros, contrai os poros dilatados e dá à tez um novo brilho luminoso, nunca obtido antes com qualquer produto de «toilette» ou de beleza. A-pesar-da adição do «Branco de Oxigénio» ao Novo Créme Tokalon, Côr Branca», o seu preço não foi aumentado. Comece V. Ex.ª a empregá-lo hoje mesmo e verificará os seus resultados rápidos. O sucesso está garantido; de contrário, será reembolsada do seu dinheiro.

A' venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva ao DEPÓSITO TOKALON — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende sem demora.

À VENDA O
ALMANAQUE BERTRAND
para 1938

39.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 422 gravuras, cartonado ..... **10$00**
Encadernado luxuosamente ..... **18$00**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil, primário, secundário, superior e técnico

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livros de Medicina
Livros de Direito
LIVROS COMERCIAIS E INDUSTRIAIS
Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as linguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis, primárias, secundárias, superiores, técnicas e comerciais, e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros, são remetidos à cobrança para todos os pontos do País, e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Novidade literária

ROLÃO PRETO

REVOLUÇÃO ESPANHOLA

ASPECTOS - HOMENS - IDEIAS

Depoimento sôbre a guerra civil espanhola e o movimento da falange nacional-sindicalista

1 vol. de 214 págs. ilustrado, broc., **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **Esc. 11$50**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a moeidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

Deve pois facilitar-se a aquisição dos bons livros

A LIVRARIA BERTRAND

vai continuar a venda a prestações das boas obras conforme já iniciou com a **HISTÓRIA UNIVERSAL,** de *G. Oncken,* para o que estabelecerá um sistema especial de vendas que denominará de

Crediário Cultural

Por êste sistema, — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América, — contribui-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos segundo a importância da compra, **sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

Dentre outros autores figuram nesse catálogo as obras dos seguintes:

Alexandre Herculano, João de Deus, Conde de Sabugosa, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, Maria Amália Vaz de Carvalho, Pinheiro Chagas, Júlio Deniz, Samuel Maia, Afonso Lopes Veira, Albino Forjaz de Sampaio, Sobral Cid, Eduardo Coelho, Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Henrique Lopes de Mendonça, Camilo, Trindade Coelho, Rebelo da Silva, Malheiro Dias, João de Barros, Sousa Costa, João Chagas, António Feijó, Wenceslau de Morais, Vitorino Nemésio, Teixeira de Pascoais, António Patrício, António Cabral, Manuel de Sousa Pinto, Asdrubal de Aguiar, Eduardo Noronha, Alberto de Oliveira, Raul Brandão, Paulo Barreto (João do Rio), Vitor Hugo, Júlio Verne, Alexandre Dumas, Blasco Ibañez, Guido da Verona, Maryan, Marden, Zolá, Amicis, Mirbeau, Dantec, Benoit, Bourget, etc, etc.

Interessantes colecções como a da *Biblioteca de Instrução Profissional, (mais de 50 volumes), Antologia Portuguesa, Antologiæ Brasileira, Colecção Familiar P. B. (romances morais próprios para meninas e senhoras), Biblioteca de Filosofia Científica, Colecção de viagens maravilhosas (80 volumes), Dicionários do Povo (para várias línguas), etc.*

Monumentais edições como a da *História da Literatura Portuguesa, 3 volumes, Pupilas do Senhor Reitor, edição de luxo com magníficas gravuras de Roque Gameiro, Orlando Furioso, Tojos e Rosmaninhos, etc., etc.*

Entrega imediata das obras contra o pagamento da 1.ª prestação

Uma boa colecção de obras de grandes autores dá categoria a quem a possue.

Peçam informações à

LIVRARIA BERTRAND
A mais antiga livraria de Portugal
Rua Garrett, 73 — LISBOA

Horas sem sofrer...
Horas felizes

Ela tem a certeza absoluta disto e vive, por conseguinte, uma vida livre de dôres. E é tão simples eliminar completamente a dôr, a inimiga nata da alegria!

Um ou dois comprimidos de

Cafiaspirina

cortam em poucos minutos as dôres de cabeça e de dentes no seu inicio e sentimo-nos de novo bem dispostos e animados.

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., 17$00; broc., 12$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, R. Garrett, 75 — Lisboa

À venda a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes, Banhos CARBO-GAZOSOS, Duches, Irrigações, Pulverizações e Inalações, etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402. (P. B. X.)

Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 287 — 12.º ANO
1 - DEZEMBRO - 1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

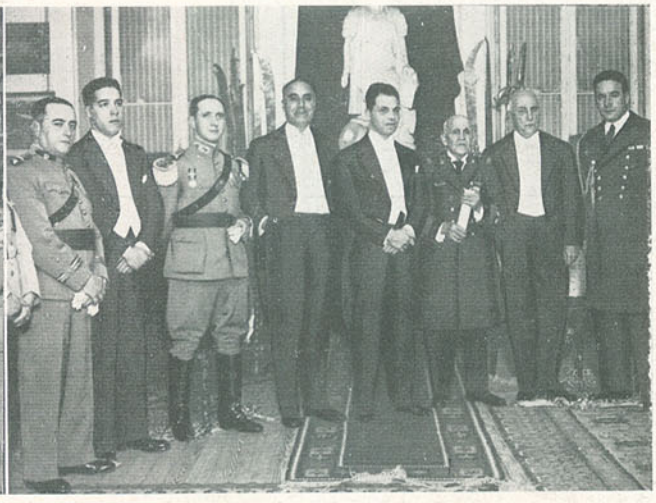
1.º DE DEZEMBRO DE 1640

O padre Nicolau da Maia, ardendo em fé patriótica, comanda o ataque a uma das portas dos Paços da Ribeira

A FÚRIA DO TEMPORAL

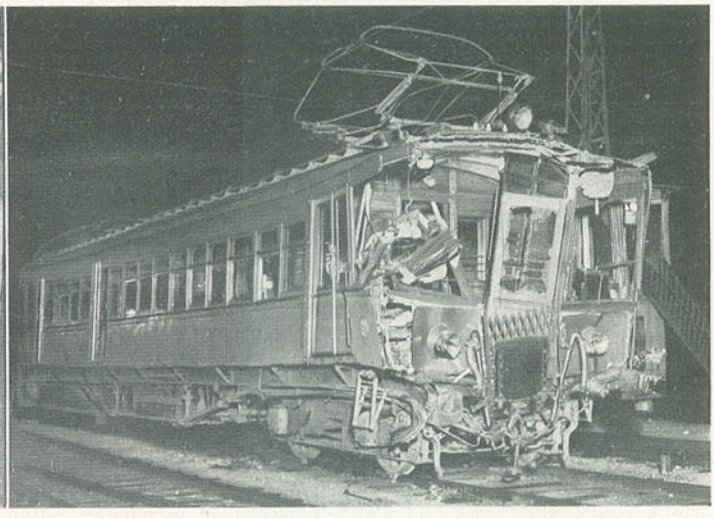
As últimas chuvas causaram graves prejuizos não só em Lisboa como nos arredores, podendo dizer-se que os campos do Ribatejo e as hortas dos arredores da capital foram quasi totalmente destruïdos com as inundações, sendo arrebatados pelas águas muito gado e alfaias agrícolas. A população lisbocta, devido à chuva que não parava e ao vento que fazia crescer assustadoramente as inundações, não podia comunicar com o resto do País, a não ser, e dificilmente pelo caminho de ferro. Em face desta amostra, pois o inverno começa agora, pregunta-se se teremos o suplício de seis meses de chuva como há dois anos... Mas todos estes horrores tem a sua parte de pitoresco como as gravuras que publicamos nesta página atestam eloqüentemente. Vejamos: *Em cima, à esquerda:* um eléctrico da carreira do Lumiar imobilizado no Campo Grande que mais parece um grande lago. — *A' direita:* um curioso aspecto do Terreiro do Paço que as ondas beijam com os seus costumados afagos. — *Ao centro, à esquerda:* a estrada de Benfica transformada num rio murmuroso. — *A' direita:* uma camioneta da carreira de Queluz bloqueada pela inundação na Venda Nova. — *Em baixo, à esquerda:* Na Póvoa de Santo Adrião, os campos e a estrada transformados nnm verdadeiro lago, onde apenas faltam os cisnes. — *A' direita:* uma rua transformada em rio na Ribeira de Santarém

ACTUALIDADES DA QUINZENA



NA Academia das Ciências realizon-se a sessão comemorativa do cinqüentenário da cidade de Lourenço Marques, tendo sido proferidos notáveis discursos sôbre a história da cidade e sua colonização. A gravura apresenta o representante do Chefe do Estado, ministros, oradores e outras entidades oficiais. — A' direita: O sr. ministro da Marinha com os oradores e outras personalidades na Sociedade de Geografia por ocasião da sessão comemorativa do 477.º aniversário da morte do Infante D. Henrique

NA Sociedade de Geografia a escritora D. Amália de Proença Norte realizou uma notável conferência sôbre o cinqüentenário de Lourenço Marques em que afirmou que a celebração desta data «adquiria nesta hora de forte rejuvenescimento nacional e de graves perturbações externas uma alta significação política, não só por demonstrar que ao lado de colónias ricas nunca sentimos deslumbramentos e corajosamente soubemos trabalhar e vencer». — A' direita: O professor Tomás Borba com os professores e alunos do Conservatório, que lhe prestaram a homenagem de despedida



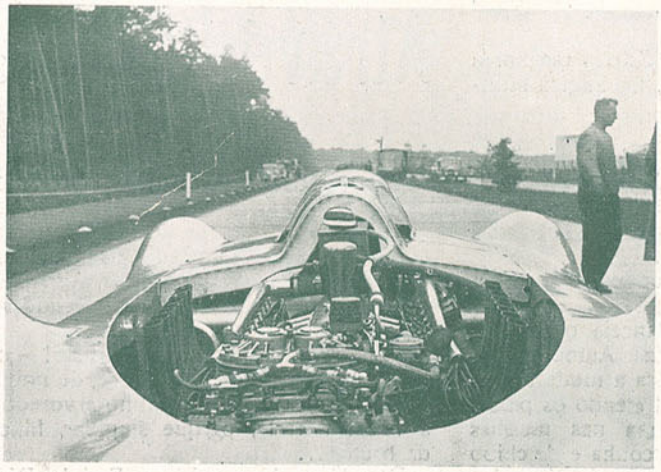
NAS alturas da Ponte da Ramada, entre Odivelas e Caneças, despenhou-se um automóvel por uma ribanceira, salvando-se incompreensivelmente os seus passageiros que tendo recolhido a casa, por seu pé, foram considerados mortos durante algumas horas. A gravura mostra a posição em que ficou o carro. — A' direita: Entre Santos e Alcântara chocaram dois combóios, devido ao descuido de um telegrafista, ficando feridas dezoito pessoas. O estado em que ficou um dos combóios

NOTAS DA QUINZENA

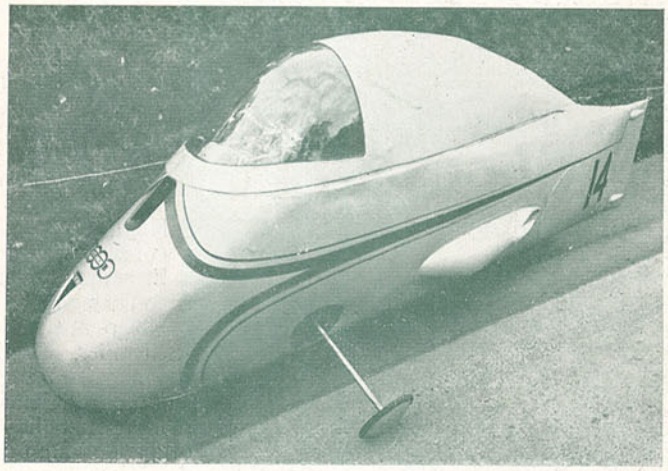
Passando o aniversário natalício do sr. Presidente da República, foram-lhe prestadas as mais significativas homenagens de bem merecido apreço. Estas demonstrações de carinho e afecto provaram eloqüentemente o quanto é querido a todos os portugueses o venerando Chefe do Estado. — Em cima: o sr. general Carmona com os delegados das Juntas de Freguesia e as crianças. — Ao centro: os srs. Presidente da República e do Conselho conversando. — A' direita: outro aspecto da homenagem das Juntas de Freguesia

O chefe do distrito na sua visita ao «Amparo à Criança» — obra humanitária que bem merece o maior auxílio de tôdas as almas bem formadas. — A' direita: a mesa de honra no banquete do Rotary Club de Lisboa, nos salões do Avenida Palace. No final realizou-se um baile que se prolongou com grande animação até alta madrugada

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS



Um carro de corrida que a Alemanha apresentou na auto-pista de Francfort do Meno-Karlo-ruhe, iniciando a realização da primeira parte da sua promessa de enfrentar todos os *records* mundiais de automobilismo

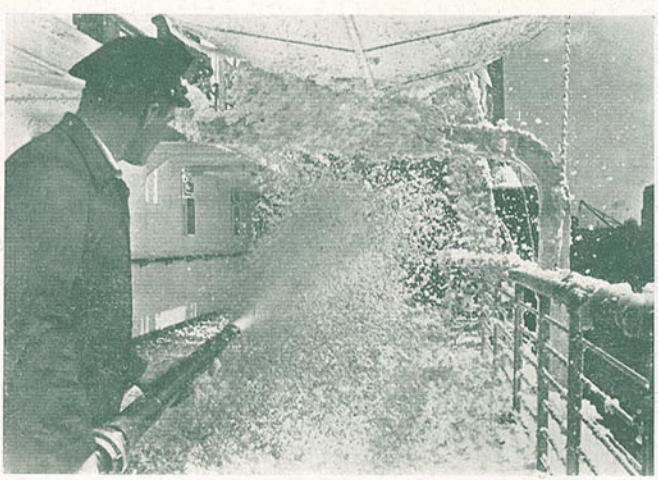


Uma motocicleta aero-dinâmica que há dias apareceu na estrada Francfort do Meno-Heidel-berg e que tanto interêsse tem despertado não só pela sua forma exótica como pela velocidade adquirida

A mais antiga estalagem alemã. Fica em Miltenberg sôbre o Meno e é construida em madeira no estilo medieval

Disputa de velocidade entre um avião e um automóvel em Francfort do Meno — Heidelberg, ficando vencedor o auto

Uma verdadeira vocação para o *ski*, patenteando-se em tôda a verdade, sem constrangimentos nem imposições



Maneira de apagar um incêndio a bordo, mesmo até os mais perigosos. A nossa gravura mos-tra um marinheiro extinguindo um incêndio de azeite, obtendo os mais seguros resultados

Exercícios da polícia alemã, vendo-se um dos agentes, com o equipamento completo, num duplo salto em que mostra a sua destreza e o vigor indispensável às suas espinhosas funções

EM curva, deslisamos suavemente. E Ponte da Mucela surge em panorama de perspectivas fundas, violento e meigo — desde as ínsuas verde-limo do Alva aos negros alcantís que soturnamente apertam as suas margens.

Corre o rio, tinto de sangue... A fuga dos franceses é pânica, sob o terrível fogo inimigo. As tropas anglo-lusas aprisionam mil franceses, e outros tantos trucida o povo, lapidando-os nos precipícios, esfaqueando-os nas portelas, fuzilando-os nos caminhos, e abrindo-lhes a cabeça a mangual, quando procuram repousar nas eiras, escondidos nas mêdas, ou se refugiam nas egrejas, entre os altares.

E' a defesa do solo pátrio, palmo a palmo, da horta, do espigueiro, do casebre de habitação, do curral do gado, da capela, do cemitério — o lar e a terra, o templo e o campo-santo, tudo o que os prende à Vida e a Deus.

Luta sem quartel! Nem o coração das mulheres tem piedade...

Os velhos sobem aos cêrros pela derradeira vez, os doentes arrastam-se, na ingente dôr, fugindo aos incêndios, a embuscar-se nas moitas dos ínvios trilhos da montanha, e até as crianças, no temerário desvairo, vão gritando! *Ao lobo! Ao lobo!*

E, açulados, cães da Estrêla rasgam e esventram moribundos, na trágica montaria...

Porventura Mucela, vila já no século IX, com a mesma ferocidade sustentara a reconquista cristã...

Honremos a antiguidade veneranda, devorando — o almôço.

E, assim, firmamos culto do passado, na estalagem...

No ponto onde estanceia o Rochet-Schneider, da Empreza Automobilista da Beira, se fazia outróra a muda de cavalos da diligência, entretendo os passageiros tamanha delonga nas mesmas orgias de vinho de Casconha e de chibo de Poiares, com que nos assinalámos!

Antes das onze, o auto arfava na subida. Um bando de aves voava alto, em semicírculo, destacando sòmente uma pequena avançada de alarme, com a flecha vigilante.

Numa volta, o piso areado, o terreno barrento, sucedendo ao schisto, um carvalho solitário, entestanto um pinhal novo, na quebrada uma vinha, e ravinamentos de enxurrada... Esta é a entrada do Moutinhal, à Alagoa, no meu concelho de Mortágua! Se me houvessem conduzido aqui de olhos vendados, apenas liberto, sorrindo da partida, confiadamente, continuaria com placidez, direito a casa, pelo caminho de Monte Orande.

Repetem-se as fisionomias, repetem-se as almas, e há sósias na paisagem...

Vencida a ladeira, rolamos em plaino. De novo a neblina desce. Na transparência aquosa, esguias, aprumadas, milhares de árvores sem folhagem, suspendem milhões de ninhos! Que aves fantásticas vestiram êstes troncos, cobrindo festivalmente a mudez dos galhos, erguendo na solidão a Cidade de Sonho, onde batem asas o amor e a maternidade?

Aproximando-nos, a ilusão esvái-se. O Fôgo criou a cenografia incomparável.

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Através da grata estrada da Beira

Por entre as galas da Natureza e as minhas evocações do Passado

Fulminados pelo incêndio, os pinheiros embalam, nos seus braços hirtos, as pinhas que, mordidas pelas labaredas infecundas, são na realidade ninhos mortos...

Mas — como a natureza é artista! — o auto passa rápido, e, ao longe, de novo flutua na miragem o estranho arvoredo, a irreal floresta, parque singular, filho da bruma...

Para lá do Alva, avista-se Farinha-Pôdre, vila que os seus filhos, dispersos tantos pelas cinco partes do mundo, apelidaram S. Pedro de Alva. E afirma-se pelo seu estrénuo labor o seu direito de crisma: a riqueza transformou agricolamente a região e a indústria anuncia-se vitoriosamente pelas chaminés de novas fábricas.

Perto, aquêm ou além Mondego, ficam Friumes, Penacova, Gondolim, Oliveira do Conhedo, Carvalho, Sazes, Figueira. Paradela e Lorvão — com o seu convento magnífico.

Os pinhais cerram-se; a estrada é uma clareira de floresta...

Pára o automóvel. O *chauffeur* buzina; o éco responde, prolongadamente.

Uma criança chega, trazendo malas do correio; suspende o apêlo.

Mas não partimos ainda, porque, avisado, o condutor manda esperar. E ali jazemos...

Numa dobra de terreno um lenço agita-se. Depois, aparece uma senhora, avançando sem pressa, num fidalgo vagar. O condutor vai ao seu encontro, e descobre-se.

Enfim criados irrompem; despejam-nos em cima cestos, malas, sacos, tôda uma carregação...

Santo António dos Olivais

A senhora senta-se no vago lugar de Estefânia Malafaia. E só então reconheço a morgada de Alvelos, obesa, oleosa, vestindo luxuosamente, mas sem elegância, bem diferente do que foi há quinze anos, quando a encontrei no Luso, tratando o artritismo do marido e cultivando os admiradores da sua opulenta beleza.

Olha-nos, a todos com ares de soberania. Mas, subdito rebelde, escapo ao domínio, por alturas de Poiares, adormecendo...

E pela estrada velha, na escuridão, o corcel de Afonso Henriques vai à rédea sôlta. Desacompanhado, o Rei precipita-se em desabalada correria.

Léguas e léguas o tropear do cavalo brada a sua rude fúria.

Um enviado do Papa lançára, de Coímbra, pela calada da noite, o interdito ao reino...

Onde irá já o Dom Cardeal?

E Afonso Henriques mais de rijo esporeia, e silencioso, traspassa montes e vales como um fantasma.

Na cidade, o povo ficára, erguendo ao céu gritos de misericórdia, vãs e alucinadas súplicas, às portas dos templos. Até os brônzeos homens de armas tremem, ao pavor do Inferno.

— Mas como hesitará Deus entre aquele vil clérigo e o príncipe que defendeu a Cruz, rasgando no peito as Cinco-Chagas? Deus de Ourique!

Perto de Poiares, Afonso Henriques pára, perscruta, distingue vultos. Vôa num último galope. E, num rugido, cai sôbre o Dom Cardeal, arranca-o da mula como um ôdre, atira-o ao chão... Os do séquito fogem, atónitos. É o Demónio o cavaleiro?

O clérigo ergue-se, implorante. E, obedecendo, ali mesmo se reveste e põe a mitra, e balbucia, e gagueja, e gesticula. A excomunhão se levanta...

O Espadeiro e o Braganção, com outros, chegam. E, das póvoas próximas, estremunhados, acodem moradores que a tropeada despertou.

Apresadas as bagagens — paramentos, alfaias, pedrarias, oiro, pergaminhos — e tomados refens, o Cardeal é despedido...

Aclara o dia. O Rei volta a Coímbra. Junto à Vimieira, um malado, de cruz alçada, põe-se à frente do cortejo. É uma longa procissão, farandolando pelos campos, entre frenéticos clamores, Na manhã primaveril os rouxinois gorgeiam líricas, tontos do perfume da anunciante flôr do pessegueiro. Pombas, espantadas, desprendem vôo contra o carvalhal da encosta.

Topando um regato claro, que deslisa entre mentrasto e mato molarinho, Afonso Henriques desmonta, e, cercado da turba, ajoelha e bebe de bôrco, como um simples jugadeiro.

Todo o seu semblante ri, agora. E, com as costas da mão, limpa a água, escorrente da barba revôlta...

Quando desperto, já o doce falar de Coímbra canta a meus ouvidos:

Toma lá colchêtes de oiro,
Aperta o teu coletinho;
Coração, que é de nós ambos,
Deve andar conchegadinho...

Arco de Almedina

Ruinas do antigo convento de Santa Cruz

Vamos na Portela. Os campos do Mondego começam. Pomares sombreiam a leiva túmida. A laranja oferece-nos ainda a delícia dos seus gômos, e, de entre o esplendor dum vivo tumulto vegetal, ressáem tentadoras, as maçãs de polpa fina, tenra e aromática, as pêras sucosas, as ameixas sacarinas, os pêssegos ardentes, os figos, as tangerinas, as limas, as romãs — tôda uma sobremêsa olímpica! Nos pendôres do vale, sob as nogueiras e castanheiros frondosos, a vinha braceja, numa vaga esmeraldina.

Junto às noras moiriscas, que vão sempre rodando na aguàgem do rio, alastram os talões de melancia, de melão, de morango — dominando a horticultura, tão variáda e tão rica, os feijoais de atrepa, que engrinaldam as altas cruzadas, ao limiar dos milhos verdes, de largas fôlhas, já, sob o canoilo aprumado das bandeiras, apendoando fartas espigas.

E o olivêdo, subindo à lomba dos montes, espalha cinzas de melancolia sôbre a viva alacridade das várzeas...

A luz quente rutíla, e desce, dos cimos onde é violácea, em tôdas as tonalidades, até ao meio do vale onde é fulva, como o éter vibrando.

Coímbra!

Alêm do rio, a Lapa dos Esteios, a quinta das Lágrimas, Santa-Clara, Almegue; na margem direita, os Tovíns, Calhabé, a Arregaça. Sôbre o Jardim Botânico e S. Bento, a Tôrre da Universidade corôa o burgo medieval. E, ao longo da colina eminente, o Seminário, as Ursulinas, o Penedo da Saüdade Cumiada e Santo António...

A Estrada da Beira finda. Um último laranjal convizinha a Alameda.

Ao fundo, o Choupal é um oceano de verdura onde o Mondego parece desàguar.

Uma véla pàlpita no rio, junto ao Cais.

E uma pulverisação de oiro cai sôbre a cidade...

LOPES D'OLIVEIRA.

A doce paisagem que envolve Coímbra

AS DUAS FACES DO AMOR

O escritor francês Debay, autor de uma série de livros muito interessantes sôbre a felicidade e os prazeres da vida, escreve no seu volume, *Hygiène des plaisirs*, estas palavras sôbre o amor, que vêm justamente a propósito para comentar essa cena trágica que os jornais há dias noticiaram e que pôs fim à vida de dois seres que pareciam querer-se profundamente: "O amor desenvolve gozos inefáveis, mas faz nascer muitas dores e prepara muitas desilusões».

Que o amor, como êle diz, é a felicidade da existência, que é o reparador dos desastres da morte, dando constantemente ao mundo novos seres, todos nós sabemos e sentimos.

O piór são as duas faces que o amor tem — a que sorri e a que faz trejeitos trágicos.

E diz o mesmo autor que a primeira face é a do amor tímido, sentido, devotado, amor que se sustenta de poesia.

A segunda face pertence ao amor violento, fogozo, ciumento — um amor déspota que tudo avassala e tudo tiraniza.

O primeiro é o amor na sua essência mais pura, o que resiste à sociedade e ao tempo.

É o amor que une os esposos felizes que se amam socegadamente, sem transportes materiais, mas sempre com ternura igual, um amor onde há mais alma do que matéria, cumprindo sem excessos a sentença divina para a multiplicação da espécie.

É êste o amor que tôdas as raparigas devem querer sentir e devem desejar que sintam por elas.

É assim e só assim que conseguirão formar um lar tranqüilo, onde nunca entrará o aborrecimento.

■

O amor-paixão tem apenas a vida efémera dum relâmpago. A sua luz é mais viva, encandeia, mas logo desaparece e tudo se nos mostra mais sombrio.

Os temperamentos amorosos, com o sangue a escaldar, gostam dêstes amores assim.

Mas isto só pode ser uma aventura fugaz, uma fogueira súbita, cujo calor se aproveita e não se goza, porque o tempo urge e o fogo depressa se apaga.

Depois vem o aborrecimento, o tédio, porque o entusiasmo passou, e as duas criaturas olham-se desiludidas, já despidas do encanto que o deslumbramento mútuo lhes emprestara, por momentos que podem arrastar-se dias, semanas, meses até, mas que têm o seu fim marcado para breve.

Se o homem é inconstante, é precisamente porque se deixa prender por esta face do amor.

Ela satisfaz-lhe com maior intensidade a sua vaidade de macho-gozador, mas daí a pouco êle sente a náusea de tão ansiados acepipes, e vê-se saturado de estremecimentos nervosos que o fatigam sem saciarem a sua fome de amor, porque o amor que preenche tôda a nossa necessidade de carinho é o outro — o amor de alma que reparte com o corpo os seus prazeres, sem considerar-se seu escravo.

■

Foi êste amor violento feito apenas de essência carnal que perdeu êsses dois enamorados, que findaram tão dolorosamente o seu romance.

Quem sabe se a oposição familiar não era um pressentimento do que o destino lhes reservava?

Os filhos não escutam nunca os conselhos dos pais, que são os conselhos da experiência.

Aquelas duas criaturas, cujos corpos tinha afinidades amorosas, eram diferentes de alma.

Nunca se entenderam pelo espírito, não trataram de criar um elo indissolúvel — o elo da amizade do coração que é o único que prende com fortes laços e pode ir longe, mesmo sem a cumplicidade do carne pecadora.

Parece que já andavam fartos — o homem, pelo menos, que é quem mais depressa se enfastia — parece que andavam saciados dêsses arroubos violentos que aniquilam a razão.

E daí veio o desprendimento que os levou ao desespêro do ciume dela.

Triste lição para certas cabecinhas malucas que não querem ouvir a voz dos que já viveram e sofreram, e pretendem evitar-lhes tormentos iguais, aconselhando-as.

■

Pois é verdade; o amor com as suas duas faces é a tortura da humanidade, ao mesmo tempo que é a sua consolação.

Saber escolher, seria o ideal. Mas quem póde mandar no coração e, nalguns casos, no cérebro?

Nem um nem outro são fáceis de dirigir, quanto mais de domar.

A fôrça de vontade é contudo uma autêntica fôrça, quando se sabe empregá-la.

Todos os jovens de ambos os sexos que vejam que o amor que os ataca é êsse amor cheio de violências que pode levar até ao crime, devem tratar de aniquilá-lo logo no princípio, antes que a labareda se acenda e queime tôdas as reservas de energia.

Diz Debay que "mais vale experimentar a dôr dum amor morto à nascença, do que a desilusão e a condenação para sempre a uma vida desgraçada, semeada de desgostos, de vergonha e de arrependimento.

■

A diferença de meios sociais é muitas vezes um obstáculo á união de duas criaturas que se amam e que não raro se amam com êste amor destrambelhado que escravisa os sentidos e cega o entendimento.

É aqui que a família das duas partes em jôgo deve andar com a máxima diplomacia, a que o autor citado chama "higiene do amor», que consiste em não contrariar abertamente essa inclinação, que com a oposição declarada só aumentará de vigor.

É preciso falar ao coração dos namorados, com suavidade, fazer-lhes compreender que êsse amor será a infelicidade de ambos, que não convem à sua estrutura moral, embora à primeira vista pareçam entender-se muito bem. É preciso...

Camões, com a sua grande autoridade, afirmou que

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que doi e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.

Mas também reconhecia que

... como causar pode o seu favor
Nos mortais corações conformidade
Sendo a si tão contrário o mesmo Amor?

Outros altíssimos espíritos se pronunciaram sôbre êste tão complicado como incompreensivel sentimento.

Afinal todos os tratados que se têm escrito sôbre o amor são letra morta. Os conselhos para cérebros inflamados pelo fogo da paixão são tempo são tempo perdido.

Todos somos tributários do mal do amor — mal incurável, contagioso — mal necessário e cruel.

MERCEDES BLASCO.

OS DESFALECIMENTOS DE EUGÉNIA DE MONTIJO

COMO FOI ASSASSINADO O CONDE DE CAMERATA

O palácio das Tulherias, residência preferida de Napoleão III, estava em festa. O imperador dos franceses dava, nessa noite, uma recepção em honra de sua esposa, a formosa andaluza que, cinco dias antes, ao som dos clarins, dos tambores e do canhão dos Inválidos, conduzira a Notre Dame (no mesmo coche dourado, em que meio século antes seu tio Napoleão I levara Josefina à cerimónia da coroação) a-fim-de receber, das mãos do arcebispo Sibour, a benção nupcial que lhe traria a posse tão ardentemente desejada, dessa criatura.

De novo, a França tinha uma soberana. De novo, uma mulher se sentava no trono, envolvida nos arminhos imperiais. De novo, havia nas Tulherias uma senhora absoluta que em graça, elegância e beleza poderia rivalizar com essas outras soberanas — tão esquecidas já — que ali tinham vivido e brilhado.

Eram muitas as recordações das grandiosas épocas volvidas que estavam ligadas às paredes daquele palácio.

Ali, no tempo das "lindas e honestas senhoras» descritas por Brantôme, tinha Margarida de Valois — a formosa princesa, de tranças de azeviche e olhos côr da noite, de que nos restam alguns retratos de Clouet — deslumbrante no seu trajo de brocado de ouro sôbre o enorme verdugadim espanhol, dançado a pavana e o *razzamento* com o irresistível duque de Guise.

Ali, no tempo em que o poder dos senhores das flores de lis declinava num poente sangrento, tinha Maria Antonieta — a olímpica arquiduqueza de Áustria, cuja loira e altiva beleza o pincel de Vigée Lebrun fixou para a imortalidade — envolta nos amplos *paniers* de seda florida de Lyon, vivido os seus últimos meses de realeza.

Ali, no tempo em que as águias napoleónicas percorriam a Europa de vitória, em vitória, tinha Josefina de Beauharnais — a encantadora crioula de olhos de safira que Prudhon tão admiràvelmente retratou — deliciosa nos seus vestidos de diáfana musselina e coberta de pedrarias, presidido às mais esplêndidas recepções.

Mas isso eram páginas volvidas nos anais das Tulherias. O terrível e implacável destruïdor que é o tempo, passara, fazendo desaparecer todos êsses astros ofuscantes e os seus refulgentes satélites.

Perdiam-se já, nas brumas do passado, as soberanas pintadas por Clouet, Vigée Lebrun e Prudhon. No entanto, o período de esplendor das Tulherias não acabara para sempre com êsses desaparecimentos, antes pelo contrário. A elevação ao trono duma mulher jóvem, bela, ávida de luxo e de prazer, desejosa de eclipsar a tôdas as damas de Paris pela sua sumptuosidade e elegância como Eugénia de Montijo, assegurava às Tulherias um futuro de esplendor, um pouco impregnado, é certo, dêsse tom *canaille* que foi a nota dominante dos meados do século XIX, mas, não obstante, repleto de magnificência e dandismo.

A recepção daquela noite era apenas o prelúdio dessas outras tantas festas, muito mais imponentes ainda, que fariam do segundo Império uma autêntica orgia dourada.

E que magnífico prelúdio aquele!

Todo o palácio, desde o majestoso vestíbulo, onde os lacaios, revestidos das suas librés de gala e cabeleiras empoadas, recebiam os agazalhos, até à grande escadaria forrada de Gobelins alusivos á fábula de Daphne, onde se passava por entre uma dupla fila de guardas couraçados de prata; desde a galeria da Paz à galeria de Diana, desde o salão branco ao salão de Apolo, estava esplêndidamente iluminado. Milhares de velas de cera perfumada, elevando-se nos lustres de cristal irisado, misturavam a sua dôce claridade à brilhante luz do gás e êsses fogos deslumbrantes repetiam-se e multiplicavam-se nos soberbos espelhos de Veneza que ornavam as salas.

Uma enorme multidão, composta de tudo que havia de célebre, de elegante e de ilustre em Paris, aglomerava-se nos salões dourados das Tulherias. Tôda a família imperial, corpo diplomático, representantes da nobreza do primeiro Império, grandes nomes aliados à política bonapartista, notabilidades das Artes, Letras e Ciências tinham sido convidadas para a recepção dessa noite, a-fim-de serem apresentadas a Sua Majestade Eugénia de Montijo, imperatriz dos franceses.

Era, na verdade, deslumbrante, pela sua inexcedível sumptuosidade e requinte, o aspecto geral dos convivas.

No meio da turba dos *fraques* bordados que a etiqueta da côrte imperial impuzera como trajo de *soirée* aos civis, destacavam-se, nìtidamente, em pinceladas garridas, as fardas ornadas de ouro e condecorações dos diplomatas; os faustosos uniformes dos oficiais franceses; os riquíssimos fardamentos dos camaristas pertencentes à Casa do Imperador e da Imperatriz e, numa gama de côr, as manchas polícromas dos vestidos femininos.

A crinoline absurda ainda não implantara o seu reinado, mas já há muito que a saia de balão entrara triunfantemente em voga e, como num jardim iluminado à veneziana encontravam-se balões de todos os coloridos e formatos nas salas do palácio das Tulherias. Havia balões vermelhos como purpúreas rosas de Andaluzia, brancas como açucenas virginais, amarelas como girassóis campestres, roxos como violetas de Parma e azuis como miosotes dos lagos.

Eugénia de Montijo no dia do seu noivado

Bastos fios de pérolas côr da neve, das rosas e do nácar derramavam-se sôbre os colos nus das damas. Outras, mais opulentas ainda, ostentavam magníficos colares de brilhantes que chispavam mil fogos à claridade dos lustres.

Dir-se-ia que um tesouro maravilhoso, descoberto por uma nova lâmpada de Aladino, se pantenteava no palácio imperial. Viam-se, rodeados de cercaduras de diamantes, rubis que pareciam gôtas de sangue solidificadas; safiras côr do céu na madrugada; turquezas de matiz idêntico ao do firmamento no ocaso; esmeraldas verdes como pupilas de ondina; ametistas sombrias como gemas episcopais; opalas rosadas, de reflexos anilados, semelhantes ao arco-íris e topázios áureos como o sol.

Achavam-se reünidas nos salões do palácio as mais formosas mulheres de Paris e mesmo algumas célebres belezas mundiais. Difìcilmente um artista, por muito exigente, encontraria um tão sedutor conjunto. Nem mesmo, nesse voluptuoso paraíso que Mahomet promete aos seus fiéis, se depareriam huris que pudessem rivalizar com as damas da côrte de Napoleão III.

Encontravam-se ali, todos os géneros e todos os tipos da beleza feminina; espanholas, de traços severos, grandes olhos negros, tranças de azeviche, melancólicas e altivas como as infantas de Velázquez; alemãs de carnes exuberantes e carnação rosada parecidas com as burguesas de Franz Halls; inglesas, graves e espirituais, eminentemente aristocráticas, como as *ladies* pintadas por Lawrence; francesas, de cabelos loiros, iris côr do céu, repletas duma graça inimitável, perturbadoras, adoráveis, semelhantes às figurinhas que Watteau, Boucher e Greuze reproduziram nos seus quadros.

Mas, nessa noite, os leões e as leoas da moda tinham feito tréguas e, em vez de trocarem, entre si, os madrigais im-

Os bailes de Napoleão III

pregnados dêsse materialismo brutal e grosseiro, característico da época (iam longe as finas maneiras palacianas e os punhos de renda do tempo de Luiz XV) entretinham-se a discutir, um pouco cruamente, a personalidade da nova imperatriz.

Na sala dos Marechais, reservado ao imperador e sua Família, e cujo acesso apenas era permitido aos ministros, funcionários da côrte e altos dignitários do Império, Eugénia de Montijo, imperatriz dos franceses, recebia os cumprimentos dos embaixadores e as homenagens dos apresentados.

Era uma linda mulher de trinta anos — a idade de Balzac — de estatura mediana, esbelta, de olhos azuis, muito lânguidos, perfil académico de estátua helénica e cabelos de ouro fulvo. Não se poderia considerá-la, como os cortezãos aduladores queriam proclamar, um prodígio de formosura, a quinta essência da beleza, a oitava maravilha do Mundo, uma deusa expressamente descida do Olimpo para vir cingir o diadema, refulgente de diamantes e safiras, da França imperial. Contudo, não obstante os defeitos que a prejudicavam — defeitos êsses que transparecem no retrato de Dubufe e que Winterhalter e outros artistas procuraram ocultar pintando-a de perfil — Eugénia de Montijo com suas tranças dum loiro veneziano, as suas pupilas cerúleas, a sua tez nacarada e os seus alvos ombros, cuja curva se desenhava amorosamente, aparecia como a viva imagem da formosura e da majestade, e todos, vendo-a, compreendiam que ela tivesse causado tamanha impressão nos sentidos do sensual monarca que êste — quando tantas coisas se diziam contra os Montijos — houvesse decidido fazê-la subir os degraus do trono.

Enquanto a imperatriz, diligenciando disfarçar o seu acento espanhol e suavizar o seu timbre um pouco agreste, respondia aos cumprimentos dos enviados diplomáticos, os circunstantes trocavam entre si as suas impressões àcerca da esposa de Napoleão III.

— Então, meu querido conde — exclamou o príncipe Jorónimo Bonaparte, primo do imperador, com a sua voz sarcástica de sempre — como acolheu a nossa "boa cidade de Paris" o casamento de Sua Majestade?

O "querido conde", Morny, o árbitro das elegâncias da França, encolheu os ombros, num gesto cansado, e acabou por dizer, entre dois suspiros:

— Mal, muito mal, para que negá-lo? Entre o povo já chamam, com um acento de ódio e desprêzo, à imperatriz a *hespanhola* como antes da Revolução apelidavam a infeliz Maria Antonieta, de *austríaca*. E' natural, à falta duma princesa de régia estirpe para soberana, teriam preferido ver no trono, ao lado do imperador, uma francesa. Se, ao menos Napoleão houvesse escolhido a sua noiva entre as aristocratas do bairro de Saint Germain, teriamos chamado a nós uma parte da antiga nobreza e feito perder aos legitimistas alguns dos seus mais valiosos trunfos. Mas o imperador não me quiz ouvir quando eu lhe pedi que se afastasse da Montijo. Estava completamente louco, obcecado pela sua bela.

Na burguesia, uns acham muita graça ao romance imperial como chamam ao enlace. Riem-se, mas eu temo o futuro... Napoleão envelhecerá... fraco como é, pouco a pouco, a mulher tomará sôbre êle um enorme ascendente, e, não nos iludamos — ela não passa duma criatura pouco inteligente, cheia de ideais retrógradas, pueris e ridículas. Receio que a Montijo prejudique a nossa obra...

O príncipe Jerónimo Napoleão não acompanhara Morny no seu vôo de águia até às regiões do futuro. O seu espírito frívolo não se elevava tão alto.

— Quando me lembro — retorquiu amargamente — que eu e minha irmã, nós que, pelo lado materno, sômos descendentes de S. Luís e Maria Stuart, primos do imperador da Rússia e de todos os soberanos da Europa, nos vimos obrigados a curvar perante a neta dum tendeiro de Málaga de nome Kirkpatrick...

— O pai da imperatriz — interrompeu Morny conciliador — era um grande de Espanha, pertencente a uma das mais ilustres famílias da velha nobreza castelhana.

— Um traidor que se ofereceu para vender o seu país! — vociferou o príncipe — um cobarde que, depois de ter levantado uma insurreição, a abandonou! Um miserável que pegou em armas contra a sua Pátria! Belo pai, na verdade!

— Além disso, quem nos assegura que êsse conde de Montijo, velho, cego e estropiado, foi realmente o pai da linda Eugénia? — comentou, com um riso grosseiro o ministro Fourtoul que até ali se mantivera silencioso — Foram tão numerosos, diz-se em Madrid, os felizes mortais que tiveram a ventura de partilhar as boas graças da mamã Montijo que é lícito duvidar...

Afirmava-se mesmo, na côrte dos nossos vizinhos espanhóis, que o pai autêntico era Lord Clarendon...

— Talvez fôsse Lord Clarendon, mas eu — gargalhou, cinicamente, Sua Alteza Imperial — inclino-me mais que o progenitor tivesse sido o nosso amigo Prosper Merimée...

— Basta de gracejos, senhores — redarguiu Morny, um pouco chocado — Não esqueçamos que *Mademoiselle* de Montijo é hoje a esposa do nosso augusto soberano e que...

— No meio de tudo isto, como membro da Família Imperial, só me faz pena o ridículo papel que o imperador representou nesta comédia e também o meu primo Camerata. O pobre rapaz é um sentimental, um romântico, e ainda não se consolou do abandono da sua amada Eugénia. Sabe, meu caro amigo — acrescentou o príncipe, tomando o braço do ministro Fourtoul — decididamente estavamos condenados a ter a flôr da Andaluzia na família. O meu primo estava loucamente apaixonado pela Montijo e, se não tivesse aparecido o nosso soberano a meter-se de permeio, ela seria talvez hoje a senhora condessa de Camerata!

— Porque não faz de tudo isto uma comédia, meu caro Morny? — chasqueou o terrível *blagueur*, voltando-se para o estadista — Tem todos os personagens: a bela, o galã e o rival. Nada lhe falta. O seu talento de escritor tiraria, estou certo, dêste magnífico argumento uma obra prima de causar inveja a Eugénio Scribe...

No grupo das damas trocavam-se réplicas muito mais interessantes ainda.

— Só me admiro — dizia, por detrás do seu leque, uma jóvem provinciana ainda ingénua — como o imperador, um homem tão eminente, tão extraordinário, se deixou colher nessa armadilha...

— Os homens, minha querida amiga, mesmo os mais superiores — respondeu

Uma festa nas Tulherias

Madame Fourtoul, encolhendo os seus ombros maravilhosamente nús — são, no fundo, quasi sempre uns tolos em matéria amorosa, e, na ocasião de se casarem, é que o demonstram claramente. Napoleão III que, no íntimo, é um fraco, um sonhador, amante de quimeras e de utopias, estava mais do que ninguém, destinado a caír nas rêdes duma aventureira como a Montijo. Foi uma farsa admiràvelmente dirigida por Merimèe. Cada um dos componentes representou o seu papel a primor.

A condessa de Montijo, ex-amante de todos os oficiais de artilharia do regimento do marido, de todos os familiares do seu palácio como Merimée e Stendhal e de todos os fidalgos da côrte de Isabel II, de cortezã decrépita transformou-se numa mãe virtuosa e digna, zelosíssima da honra, pundonor e reputação do nome de família. A *señorita* Montijo, de leôa amorosa, ávida de prazer, converteu-se numa menina pura e altiva, incapaz de cometer o mais insignificante pecado carnal pelo respeito a Deus e aos manes dos seus antepassados, e, qual outra D. Sol, da tragédia de Vítor Hugo, repeliu indignada as propostas, que o imperador lhe fez. Não disse como a amada de Hernani:

Moi, je suis fille noble, et de ce sang jalouse,
Trop pour la concubine, et trop peu pour l'epouse!

Procedeu com muito mais argúcia. Um dia, em que o monarca, mais enamorado do que nunca e cansado de tantas recusas, lhe preguntava porque caminho havia de chegar ao seu coração, Eugénia, muito púdica, pôs os olhos em alvo, contemplou o firmamento, como à espera duma inspiração divina, e, com o ar duma virgem pura como um lírio, respondeu num tom de voz tão suave como um harpejo de anjos: — "Pelo caminho da capela, Senhor!„

O imperador resistiu ainda por bastante tempo, mas, vendo que nem transformando-se em chuva de ouro como Júpiter na fábula de Danaé, conseguia a posse da ninfa andaluza, resolveu desposá-la, e, hoje, a *señorita* Montijo, internacionalmente conhecida pelas suas galantarias, ocupa o mais belo trono do Mundo!

A imperatriz Eugénia

— Mas não houve quem prevenisse o imperador dêsses escandalos? — espantou-se a jóvem.

— Oh! Evidentemente que houve — respondeu a mulher do ministro Drouy onde Lhuys, tomando a palavra. — Os fieis amigos de Sua Majestade, meu marido, Persigny, Fourtoul, Morny, a princesa Matilde e o príncipe Jerónimo e outros ainda, contaram-lhe todo o passado de Eugénia de Montijo e da condessa mãe, mas o soberano, cego pela paixão, ou não acreditou nessas afirmações categóricas, apoiadas, aliás, de testemunhas dignas de crédito, ou resolveu passar por cima dêsses factos volvidos e fazer dela, mesmo assim, a sua imperatriz... Estou a ver tôda a comédia. Ensinada por Merimée, que era quem, inclusivamente, lhe ditava a correspondência para o seu imperial suspirante, a menina, afogada em lágrimas e purpureada de castos rubores ajoelhou-se, graciosamente, aos pés de Napoleão III e confessou-lhe, entre soluços, que sim, que outrora, no tempo em que ignorava que seria distinguida por tão alto e poderoso senhor, tivera, lá longe, em Andaluzia, uma hora de desfalecimento, mas que nunca, nunca mais — podia jurar-lhe — voltára a pecar... E o imperador acreditou!

— Com quem teria sido essa hora de desfalecimento? — indagou, rindo, Madame Fourtoul.

— Não sei — respondeu M.me Drouyon, — mas talvez a nossa amiga Persigny nos possa informar.

A formosa condessa de Persigny, célebre pela sua beleza e excentricidades, aproximou-se do grupo. Vinha absolutamente deslumbrante no seu trajo de gala que deixava mais do que adivinhar as formas adoráveis do seu colo de garça.

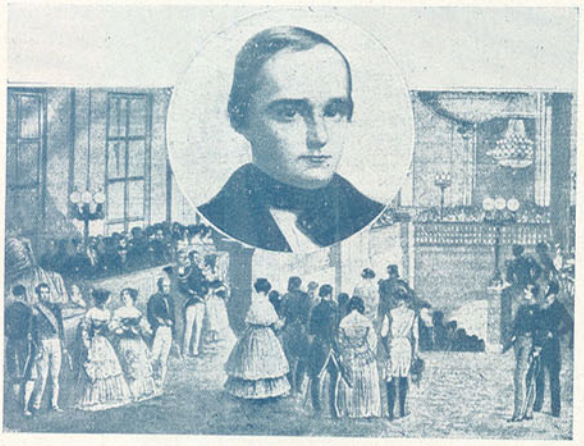
— De que estão a conversar? — preguntou ela, brincando, negligentemente. com um anel dos seus magníficos cabelos de ouro pálido que, artìsticamente entremeados de pérolas, lhe caíam sôbre os níveos ombros em longas e perfumadas espirais.

— Da Montijo — responderam simultâneamente, as três damas.

A condessa de Persigny deu uma gargalhada e, com uma audácia incrível, pôs-se a cantar, em surdina, um dêsses *couplets*, compostos pelos estudantes de Paris, em que a virtude da soberana era arrastada pela lama. E, a seguir a um *couplet* veio outro, e atrás dêsse, outros mais.

As três damas mal podiam ocultar, por detrás dos leques os frouxos de riso.

— Quem foi o feliz mortal que gozou os encantos virginais da nossa muito amada imperatriz? — inquiriu M.me Fourtoul.



Após a cerimónia do casamento. — No medalhão: *o Conde de Camerata*

— Dizem que foi o duque de Alba — respondeu a linda Persigny — Não sabiam? E' uma história interessantíssima. O duque cortejava às ocultas as duas filhas da condessa de Montijo. Primeiro dedicou-se à Eugénia. Gozaram os dois a mais completa ventura amorosa. Mas, em breve, o duque de Alba, volúvel como todos os homens, se aborreceu dela e decidiu casar com a mais velha, a formosa Paca. A bela Eugénia sentiu tal desespêro ao ver-se abandonada, que se envenenou!

— Mas não morreu! — chasquearam as senhoras Fourtoul e Drouyon.

— Não — continuou a Persigny — e, ao melhorar, para esquecer aquele ingrato, lançou-se nos braços do marquês de Alcanizes e, quando êste, por sua vez a abandonou, ela, ainda para se consolar, deu-se a um formoso pagem da rainha Isabel II, Olímpio Aguado. Esta ligação teve um desfecho curiosíssimo. A condessa de Montijo concebeu a engenhosa ideia de ir procurar solenemente o irmão mais velho do gentil Aguado e, em mãe nobre, evocando os deveres de cavalheirismo, lhe pedir que ordenasse ao moço pagem que reparasse a dívida de honra que contraíra com sua filha, recebendo-a por esposa!

O grande de Espanha, indignado em face de tanta audácia e descaramento, cobriu-a de insultos e mandou-a pôr fora do palácio!

— Acabou-se a lista dos heróis das horas de desfalecimento? — indagaram as três senhoras.

— Que ideia! — riu a condessa — Mal principiei! Ainda houve o duque de Ossuna, que já tinha sido anteriormente favorecido pela mamã, os três príncipes de Orleans e vários toureiros de Andaluzia! Que ela tenha corrido tôdas as aventuras não me importa. Não pretendo censurá-la. A vida é bela e fez-se para nós a vivermos. Também não sou uma freira — declarou, brutalmente, a formosa Persigny — mas que venha para aqui, com a sua hipocrisia e os seus ares de Santa Nitouche, representar o papel de matrona Lucrécia, depois de ter sido uma Vénus, é que se torna intolerável!

— E o conde Camerata! — suspirou a menina provinciana.

— Oh! Esse foi na existência da nossa

O palácio das Tulherias em festa

augusta soberana a despedida da vida alegre de solteira — explicou a condessa, encolhendo, risonhamente, os ombros.

— Dizem que êle se consola junto duma actriz muito conhecida do Vaudeville, M.elle Marta — disse M.me Drouyon.

— Nitrato, simplesmente nitrato, que êle aplica para cicatrizar a ferida, mas há chagas que o nitrato não cauteriza, e essa é uma delas — afirmou, sentenciosamente, M.me Fourtoul.

Os olhares das quatro mulheres cairam simultaneamente sôbre o conde de Camerata.

Era um gentilíssimo rapaz o príncipe, neto de Elisa Bonaparte. Alto, esbelto, fino aristocrático, com um ar triste de fim de raça.

Nessa noite os seus amigos tinham-no estranhado. Fugia de todos, respondia sacudidamente apenas por monossílabos, aos seus íntimos, para correr a refugiar-se nos cantos. De longe, o infeliz Camerata devorava com a vista a imperatriz que, resplandecente de pedrarias, orgulhosa como uma pavoa rial, recebia as homenagens dos cortezãos, sem se dignar aperceber-se da sua presença. De súbito, como impelido por uma fôrça invencível, o príncipe dirigiu-se, à soberana. As pessoas que a rodeavam afastaram-se discretamente e a imperatriz Eugénia e o conde de Camerata ficaram sós, por assim dizer, em frente um do outro.

As pupilas azuis da Montijo, de ordinário tão serenas como um firmamento de primavera, escureceram tempestuosamente. A bôca contraíu-se-lhe e, agitada, batendo o pèsinho debaixo da saia de balão e estalando nervosamente com as varetas do leque, esperou que o seu antigo amado lhe dirigisse a palavra.

Ninguém conseguiu ouvir o diálogo que se travou. Mas todos viram claramente a alteração da imperatriz. O seu formoso colo de cisne alteou-se de cólera e os seus olhos de previnca lançaram chispas de fúria. Depois, numa atitude que seria mais própria numa cigarreira andaluza, do que numa descendente de Gonzalo de Córdova, voltou-lhe, grosseiramente, as costas e dirigiu-se ao imperador que, ridículo no seu uniforme de general de divisão, conversava com um embaixador.

Eugénia de Montijo segredou-lhe algumas palavras ao ouvido. Napoleão III franziu as sobrancelhas, e, após um último sorriso ao diplomata, fez um gesto incompreensível para muitos, mas bastante significativo para outros.

— O que terá dito o conde à imperatriz para ela ficar tão furiosa? — preguntou, intrigada, M.me Fourtoul.

— Naturalmente foi-lhe repetir mais uma vez que a ama, que a adora, que morre por ela, que é o mais desgraçado dos homens, em suma, tôdas as tolices do costume — riu M.me Drouyon.

Eugénia de Montijo e Napoleão III

Volvidos alguns minutos, um homem vestido de côrte, aproximou-se do monarca e recebeu umas breves instruções.

O conde de Camerata perdera-se entre a multidão dos convidados. Contudo, o homem da confiança de Napoleão III soube descobri-lo. Abordou-o e pediu-lhe, discretamente, que o seguisse. O príncipe mediu, de alto a baixo, êsse desconhecido e, embora estranhasse o pedido, não teve a mínima dúvida em aceder.

Deixaram juntos os salões de recepção, enfiaram por um longo corredor. Camerata, intrigadíssimo, ia perguntar finalmente, o que desejava o misterioso desconhecido, quando outro homem, desta vez seu conhecido — o agente Zaimbo, pertencente à polícia particular do imperador — lhe surgiu pela frente.

— Queira seguir-me, senhor conde — ordenou Zaimbo.

— O que se passa? O que significa êsse mandado de prisão?! — exclamou, altivamente o príncipe.

— Não sei, senhor conde — respondeu o agente — Recebi instruções para o deter e o guardar à vista. É hábito meu executar, sem discutir, as ordens que me dão. Queira seguir-me.

Ao longe, ouvia-se uma valsa deliciosa. Era o imperador e a imperatriz que, amorosamente enlaçados, abriam o baile...

E, enquanto nos salões, magnificamente iluminados das Tulherias, se dançava animadamente, desenrolava-se um pavoroso drama noutro pavimento do palácio...

O vinho de Xerez destilou os seus topázios, o nectar do Rêno derramou o seu oiro fluído e o champanhe inundou com a sua espuma as taças de cristal. E ninguêm dançou mais, riu mais e bebeu mais do que Napoleão III...

De madrugada, quando já no firmamento violáceo principiavam a sangrar os purpurinos clarões da aurora, os convidados, os cavalheiros agazalhados nas suas sumptuosas, amplas e espessas peliças e as damas envolvidas nas suas riquíssimas capas de arminho, abandonavam as Tulherias, deslumbrados com a esplêndida festa que a munificência do imperador dos franceses lhes proporcionara. As carruagens puzeram-se em marcha e, numa alegre debandada, todos recolheram aos seus lares, enquanto, numa dependência isolada do palácio, o infeliz Camerata, com o crânio despedeçado por uma bala que Zaimbo (sempre executando, sem discutir as ordens reeebidas) lhe disparára à traição, dormia o último sôno.

No dia seguinte o "Monitor" anunciava que o conde Camerata sucumbira a um acesso de febre amarela. Poucos dias mais tarde, participava que o conde se havia suicidado.

O agente Zaimbo não voltou a aparecer nas Tulherias, nem em Paris. Enviado numa missão especial a Londres, partiu e nunca mais regressou. Encontra-se a explicação dêsse singular desaparecimento nas memórias do agente Grescelli. Zaimbo foi assassinado pelo próprio Grescelli, que atirou o cadaver ao Tamisa, depois de lhe ter, prèviaviamente, desfigurado o rosto para a identificação se tornar impossível. Uma testemunha a menos.

O digno filho da rainha Hortense, era, como se verifica, tão cauteloso como discreto, e — honra lhe seja! — sabia rodear-se de pessoal devidamente habilitado para a realização dos tenebrosos em que se dizia fecundo.

Decorrido um mês, após o baile das Tulherias, M.lle Marta, actriz do Vaudeville, a dôce amiga do conde Camerata, em cujas mãos, dizia-se, se achavam papéis altamente comprometedores para a imperatriz, aparecia morta, asfixiada, devido a uma fuga de gaz. Outra testemunha a... menos.

De novo, os jornais anunciaram um suicídio...

EUNICE PAULA.

Magnificências do Zézere

Vila de Rei

NASCENDO na Serra da Estrêla, nas proximidades das Penhas Doiradas, o Zézere, depois de um longo curso, na maioria, através de estreitos, tortuosos e profundos talwegs, vem desaguar suavemente no Tejo, junto da pitoresca e formosa Vila de Constância. É essencialmente um rio de regime montanhês.

O seu leito, assente, por vezes, sôbre a rocha firme, sôbre o cascalho movediço ou sôbre a fina vasa, apresenta, desde a nascente à foz, acentuados desnivelamentos que originam torrentes impetuosas, quando, no inverno, as copiosas chuvas e a neve, fundindo-se nas múltiplas serranias da sua bacia hidrográfica, vem dar vida aos inúmeros riachos, que nele desembocam, e provocar o natural engrossamento do seu caudal.

Os passaros, em grande variedade, aproveitando os lugares reconditos que lhes proporciona a sombria, fresca e densa ramagem das diversas plantas desenvolvidas, exuberantemente, á beira do rio, constroem nela os seus pequenos lares convictos, no seu instinto, da sua segurança e intangibilidade. É um prazer dominante ouvir os seus melodiosos trilos, sem uma nota a destoar da sua harmonia, por essas tardes amenas de Primavera, Estio ou mesmo Outono!...

Nos campos marginais a labuta quotidiana segue o seu ritmo natural e compassado; há canções regionais nas bocas vermelhas das moçoilas e assobios nos lábios dos mocetões; há gemidos dolentes de noras e o tilintar das campaínhas dos rebanhos. Todo o ambiênte traduz actividade, alegria e trabalho. Todos os ruídos se confundem numa azáfama exalante de sublime poesia com o marulhar das águas nas cachoeiras e açudes...

Durante o verão são conduzidas pela corrente do rio grandes quantidades de rolos de madeira pinífera — "partidas" — que o Zézere, excelente meio de transporte, conduz de longas paragens até à Vila da Praia, onde é recebida.

Em certas altitudes dominantes do Zézere o panorama que se disfruta é màgicamente deslumbrante!... Elevações, umas após outras, com as suas formas arredondadas (raramente aguçadas) apresentam os seus flancos com tais declives que custa a acreditar que neles possa transitar e viver gente!...

E, na verdade, tais encostas, declinando para o rio, permanecem cobertas de lindos olivedos de cujo fruto se extrai o melhor azeite de Portugal. De tão íngremes colinas descem múltiplos regatos que a pouco e pouco, deslizando nas vertentes, vão cavando barrancos e arrastando para o leito do rio os materiais de desagregação que hão de ir fertilizar as terras e constituir o seu excelente adubo.

Se atendermos à heterogeneidade dos minerais componentes do terreno, nesta região, fácil nos é explicarmos a sua variada configuração topográfica.

Desde a primitiva rocha baticiménica, aflorando aqui e além, em macissos colossais alcandorados sôbre as margens, às detriticas e extractificadas, ali se encontram quási tôdas as espécies representadas. É, portanto uma constituïção de solo cuja extrutura e dureza, atendendo aos seus diversos componentes, admite a maior variabilidade e, portanto, sôbre êles se faz sentir com maior ou menor intensidade a acção dos agentes modificadores da crosta terrestre.

Por vezes aparecem fieiras de rochas-moreias, nas proximidades do Zézere, indicativas, talvez, da passagem de glaciares em longínquos tempos.

Os terrenos são, algumas vezes, guarnecidos de pedra solta da mais diversa grandeza, forma e constituïção que as águas da chuva fazem rolar pelos flancos das colinas e nos vales, imprimindo-lhes feitios arredondados num desgaste contínuo das suas arestas. Outros são formados por rochas plutónicas que as acções do vento, calor e água desnudaram, fenderam e cobriram de vegetação própria.

É sôbre êste solo, assim constituído: argiloso, silicioso, calcáreo, granítico, etc., ondulante em múltiplas elevações, que o pinheiro bravo se propaga de uma maneira prodigiosa dominando tôdas as outras árvores, em especial a oliveira para protecção da qual os camponeses necessitam de tomar medidas radicais.

Mas ao lado desta beleza rústica, não apreciada pelos indígenas, respira-se ali um ar puríssimo, um ar saüdável que nas suas correntes, nem sempre brandas, faz oscilar milhões de pinheiros tirando-lhes dolentes e angustiosos gemidos!...

Infelizmente os meios de comunicações, nesta área, não permitem ainda a estranhos apreciar um pouco da sua encantadora païsagem.

Quando, um dia, o permitirem não faltarão ali excursões de turistas ávidos de conhecerem os encantos naturais e pitorescos da nossa terra.

Mas a importância do Zézere e de parte da sua bacia hidrográfica não reside sòmente nas suas païsagens características. Um lugar de relêvo lhe estará reservado no futuro, sob o ponto de vista de economia e engrandecimento nacional. O Zézere possue, entre outros metais valiosos, o ouro. Particularmente no concelho de Vila de Rei são frequentes os vestígios de explorações auríferas, operadas pelos agarenos, em épocas distantes, quando da sua dominação peninsular. Baseados em documentos colhidos em manuscritos existentes nos arquivos de algumas cidades marroquinas tem-se feito, recentemente, nas proximidades da sede daquele concelho, sob a orientação de engenheiros ingleses especializados, aturados trabalhos de investigação científica acêrca da existência e percentagem do precioso metal naquela área. Os resultados das análises têm sido satisfatórios, havendo tôdas as probabilidades de ali se estabelecer uma intensa exploração do minério em bruto. Em certos pontos referenciados no terreno com o auxílio dos supracitados documentos, tem-se descoberto cisternas e galerias subterrâneas que tudo leva a supor relacionarem-se com os trabalhos moiriscos na pesquisa do ouro. É, pois, natural que após alguns anos vejamos Vila de Rei, ponto central do país, com uma grande actividade na escavação de minas, algumas das quais o terreno se encontra já registado.

O rio Zézere

Num grau de importância superior à riqueza aurífera na bacia do Zézere está, possìvelmente, a energia eléctrica que êste rio virá a fornecer ao país. Entre outros, um formidável dique, em construção no Castelo do Bode, a alguns quilómetros da sua foz, com a altura de 90 metros, originará uma queda de água, cuja fôrça hidro-motriz desenvolvida e transformada em eléctrica, poderá abastecer a maior parte da nação, a um preço acessível, e evitar a saída de milhares de libras para o estrangeiro, para compra de hulha. Depois de completa esta obra gigantesca ficarão, é certo, imersas no maior lago artificial da Europa, propriedades de um valor incalculável; terras de cultura férteis, que o braço humano em longos anos amanhou e que ainda hoje são o orgulho dos seus proprietários; engenhos de moagem, noras, pontes e até povoações inteiras!...

Só o custo das expropriações será qualquer soma fantástica!

Porém os benefícios colhidos por tão importante realização hão-de compensar sobejamente, os danos resultantes.

Não só os milhões de quilovates desenvolvidos mas também a irrigação de numerosos hectares de terreno poderá tornar num imenso pomar a maior parte da província estremenha. O Zézere terá, pois, um papel de grande envergadura a desempenhar ante o futuro engrandecimento da nossa nacionalidade.

ISIDRO ANTÓNIO GAIO
Alferes

O nascimento do rei de Roma

A nobreza de alma de Napoleão II

teria envergonhado seu pai se este lhe sobrevivesse

JOSEFINA BEAUHARNAIS pode ser considerada a única e verdadeira "mascotte" de Napoleão. Se repararmos bem, a sorte do côrso começou no dia em que recebeu das mãos protectoras de Barras essa adorável crioula, e terminou no momento em que o imperador se divorciou para se casar com uma autêntica princesa que entroncasse a sua nobreza secular com as misérias dos Buonapartes e Ramolinos.

Maria Luiza casou, como se sabe, à sobreposse, com o vencedor de Wagram, e após ter resistido tanto quanto lhe foi possível. Transportada a França como presa de guerra, visto ser essa a exigência do vencedor, a princesinha loira e romântica não conseguiu ocultar nunca a repulsa que lhe infundia um tal marido imposto pela razão de Estado. E a prova é que, quando Napoleão, apaixonado, a beijava, Maria Luiza limpava logo com um lenço a face enxovalhada.

— Tens nôjo de mim? — inquiria o imperador no maior assombro — porquelimpas a cara sempre que te beijo?

— Faço isto por hábito — limitava-se a responder a imperatriz.

Por sua vez, o povo de Paris, indignado pela injustiça feita a Josefina, acolheu-a friamente, sem compreender que, com tal atitude, era injusto também para essa vítima inocente dos caprichos napoleónicos.

Ainda assim, decorridos onze meses, a imperatriz satisfez a mais grata aspiração do espôso, dando-lhe um herdeiro. O parto tornava-se tão difícil que foi necessário recorrer a uma operação tão incerta como melindrosa.

O cirurgião Dubois consultára o imperador, visto ser talvez forçoso optar pela vida da mãe ou do filho.

— Cuidai sòmente na mãe — respondeu Napoleão — tratai a imperatriz como uma qualquer senhora que vos chamasse.

Em seguida, entrou no quarto da esposa e animou-a com a sua presença.

Decorridos vinte e seis minutos dum parto dolorosíssimo, em que os ferros tiveram uma intervenção enérgica, nasceu o menino, mas sem dar o menor acôrdo. Finalmente, à força de cuidados, a criança começou a respirar.

O imperador, no auge do entusiasmo, correu para a porta, e, abrindo-a de par em par, exclamou para a multidão de dignitários que se apinhava no vestíbulo e corredores do palácio:

— Nasceu o rei de Roma!

Logo, uma salva de cento e um tiros anunciou á Capital que havia nascido Napoleão II.

Contemplando o berço imperial que, depois de tão cruel ansiedade, acabava de receber o seu filho, o imperador idealizava um glorioso futuro para o seu sucessor.

O corso ambicioso cubiçava o domínio universal, sem se aperceber de que a sua estrêla empalidecera com a perda de Josefina.

O berço do rei de Roma, oferecido a Napoleão pela cidade de Paris

O que estaria reservado ao pobre rei de Roma?

No ano seguinte, os exércitos napoleónicos invadiram a Rússia, tendo esta campanha redundado no maior desastre. A Gazeta de Petersburgo dava larga publicidade às perdas francesas com a seguinte lista: 6 mil oficiais prisioneiros e 130 mil soldados com idêntica sorte; 308 mil cadáveres queimados nos distritos de Moscovo, Smolensko, Witepsk, Mohilow e Wilna; 900 peças de canhão, 10 mil espingardas e 25 mil carros de combate apreendidos.

No dia 25 de Janeiro de 1814, Napoleão deixava Paris que só voltaria a ver uma vez mais para desaparecer definitivamente do xadrez político. Antes de partir, quiz entregar solenemente a regência à imperatriz, confiando o rei de Roma e sua mãe à fidelidade da Guarda Nacional Parisiense. Nessa altura, a vasta praça do Carroussel foi cenário dos mais fervorosos juramentos dos oficiais superiores. Depois de fazer várias recomendações a seu irmão José, correu a despedir-se da esposa e do filho, prometendo vencer ou morrer restaurador da Pátria...

O côrso traidor, que tanto se horrorizára na infância em face da selvajaria dos franceses ao invadirem a sua ilha que Génova deitára fóra como um farrapo inútil, passava a chamar pátria à França que lhe subornára o pai e a restante família!

Entretanto, a derrocada final avizinhava-se.

O guerreiro, tomado pelo desespero, corria a refugiar-se entre a sua guarda em Fontainebleau.

Enquanto se estipulavam as clausulas da abdicação, Napoleão já não era esposo nem pai. O imperador da Austria, que êle supunha ter esmagado, surgia para lhe arrebatar a mulher e o filho que seguiram para Viena.

O rei de Roma passou então a chamar-se duque de Reichstadt.

De algumas cartas duma senhora parisiense, que assistiu aos últimos momentos do infeliz príncipe, extraímos vários pontos interessantes:

O rei de Roma, por Gerard

"O filho de Napoleão está resignado a morrer, e a sua obstinação em recusar certos remédios, prova de que forma encarava o futuro que lhe estava reservado". O meu epitáfio — dizia êle — será dentro em pouco concebido nestes têrmos:

"Aqui jaz o filho do Grande Napoleão. Nasceu rei de Roma e morreu coronel austríaco".

"Os seus olhos estão constantemente fixos no retrato de seu pai, de quem não fala senão com admiração. Pretende-se que êle tem, como Napoleão, uma vontade de ferro e a paixão das armas.

"Uma coisa que, sobretudo, se admira nêste mancebo é que êle se mostre orgulhoso, não por ter como mãe uma arquiduquesa de Austria, mas por ser filho dum soldado francês.

"Os médicos que trataram o príncipe são unânimes em dizer que êle se matou, não só pela sua obstinação em recusar-se a tomar os remédios, mas pela sua destreza em lhes dissimular os sintomas da sua doença. Um dêles, na esperança de reanimar-lhe as forças morais, disse-lhe com ar solene:

— Senhor, aproxima-se uma grande crise política, e vêde que mudança ela vos oferece.

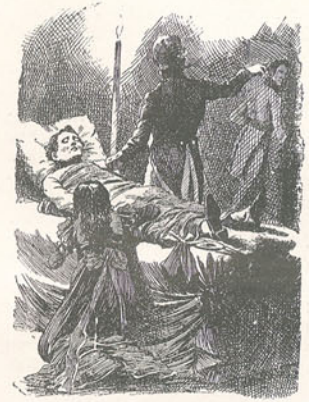
"— Deixai-me morrer tranqüilamente — respondeu o príncipe — pois é só o que desejo.

"A prova de que o pobre paciente não se iludia sôbre o seu estado, foi que, mandando tirar o seu retrato para oferecer à arquiduquesa Sofia, lhe escreveu por baixo esta triste legenda: *Lembrança eterna dum moribundo".*

Grande foi a agonia desse desventurado príncipe de vinte anos que a tuberculose ia definhando lentamente!

"— Tão moço — suspirava êle — e sem encontrar remédio! De mim não ficará em lembrança senão o meu nascimento e a minha morte!..."

Certo dia, sua mãe mandou-lhe o berço que lhe dera a cidade de Paris, quiz que o colocassem no tesouro imperial, e, como se recordasse dessa circunstância, dizia:



A morte do rei de Roma

O rei de Roma

"— Como ha de estar perto o meu túmulo do meu berço!"

Pouco antes de morrer, teve êste desabafo saído de alma:

"— Adeus, bela França! adeus, povo de heróis! Môrro com a grata consolação de não ter pegado em armas contra a minha pátria. Reüni-vos todos em volta do trono de Julho, à sombra dessas nobres côres que fazem recordar tão heróicas lembranças! Possas tu, minha Pátria, ser livre e feliz pelo esforço dos teus valorosos filhos! Adeus, adorada França, que nunca mais tornarei a vêr!..."

Se Napoleão ainda existisse e pudesse ouvir estas últimas palavras de seu filho, em vez de se orgulhar, sentiria remorsos, senão vergonha do seu passado.

Que o príncipe nascido nas Tulherias amasse a França que lhe rodeára o berço de carinhos e afagos, compreende-se. Era o seu dever. Sentia o amor da pátria que deve animar todos os espíritos nobres.

O duque de Reichstadt

Mas o pai? Quando é que êle manifestou êsses sentimentos, embora tivesse uma margem larguíssima para o poder fazer?

Que fez êle à sua Córsega? Que fez êle dos apontamentos que amontoou para a História da sua Pátria e em cujas páginas execrava a França e incensava o bravo Paoli?

Sim, que fez êle?

Aceitou a esmola que o país invasor lhe atirára, rastejou diante do novo tutor, e, acalentando sempre uma ambição desmedida e inconcebível, atraiçoou amigos e benfeitores, e considerou sua pátria o ponto do globo, onde mais amplamente pudesse dar largas aos seus planos audaciosos. Assim se explica que tivesse escabujado contra a França ante os risos escarninhos dos seus condiscípulos da escola de Brienne, que tivesse oferecido os seus serviços à armada britânica, na ânsia de mais largos vôos, e que, aproveitando o ensejo, se elevasse na política francesa, a ponto de se considerar mais francês que o próprio Turenne.

A quem sairia o pobre Napoleão II que tão nobres sentimentos patenteava?

Ao pai?

Á mãe?

A nenhum dêles. Se o pai foi um traidor que a imponência da sua vida de gloriosas aventuras não conseguiu reabilitar, a mãe — oh! a mãe! — sabemos bem o que foi...

E assim fica demonstrado que as feras podem gerar anjos como os cardos bravios e agrestes podem produzir flores sedosas e delicadas.

Napoleão morreu onze anos antes de seu filho. Foi melhor assim. Se tivesse ouvido o seu adeus à França, sentir-se-ia indigno de ser pai dum tão nobre mancebo.

A GUERRA FUTURA

Como a Humanidade a visia e prepara a sua defesa

Como um desenhador alemão visionou um bombardeamento aéreo com obuses de gazes asfixiantes sôbre a praça de Ludgarte, em Londres

Dos três horríveis flagelos — Fome, Peste e Guerra — foi sempre o último o que menos apavorou os nossos avós. Ir para a guerra constituia uma honra, visto ser lá que se conquistavam honrarias e triunfos através de prodígios de bravura, enfrentando perigos que a valentia transpunha sempre.

As laudas do *Apocalipse* serviram para indicar à Humanidade o poder divino que, num momento, destruïria o que havia criado.

E os nossos antepassados meditavam nas apavorantes visões do profeta da ilha de Patmos:

"E o anjo tomou o turíbulo, e o encheu de fogo do altar e o lançou sôbre a terra, e logo se fizeram trovões, e estrondos, e relâmpagos, e um grande terremoto.

"E então os sete anjos que tinham as setes trombetas, prepararam-se para as fazer soar.

"E tocou o primeiro anjo a trombeta, e formou-se uma chuva de pedra e de fogo, misturados com sangue, que caíu sôbre a terra, e foi abrasada a terça parte da terra, e foi queimada a terça parte das árvores, e queimada tôda a erva verde.

"E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançado no mar como um grande monte ardendo em fogo, e se tornou em sangue a terça parte do mar.

"E a terça parte das criaturas que viviam no mar morreu, e a terça parte das naus pereceu.

"E tocou o terceiro anjo a trombeta e caíu do céu uma grande estrêla ardente como um facho, e caíu ela sôbre a terça parte dos rios, e sôbre as fontes das águas;

"E o nome dessa estrêla era Absinthio; e a terça parte das águas se transformou em absinto, e muitos homens morreram das águas porque elas se tornaram amargosas.

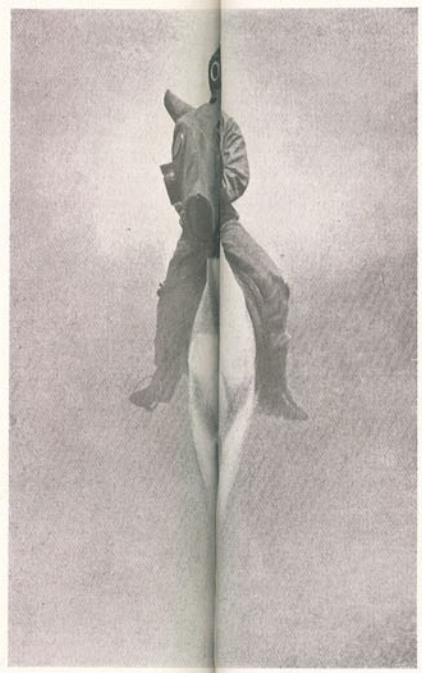
"E o quarto anjo tocou a trombeta e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrêlas, de maneira que se obscurecceu a terça parte dêles, e não resplandecia a terça parte do dia, e o mesmo era da noite.

"E vi eu, e ouvi a voz de uma águia que voava pelo meio do céu, a qual dizia em alta voz: "Ai dos habitantes da terra, por causa das outras vozes dos outros três anjos que haviam de tocar a trombeta.

"E o quinto anjo tocou a trombeta; e vi que uma estrêla caíu do céu na terra, e lhe foi dada a chave do poço do abismo; e subiu fumo do poço, como fumo duma grande fornalha; e se obscureceu o sol e o ar, com o fumo do poço,

"E do fumo do poço saíram gafanhotos para a terra, e lhes foi dado um poder como têm poder os escorpiões da terra.

"E lhes foi mandado que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, senão sòmente aos homens que não têm o sinal de Deus nas suas testas».



O espectro apocalíptico duma futura guerra

Hoje, pelo que estamos observando, o terrífico *Apocalipse* constitue um pálido sumário do que será a guerra que está ameaçando o Mundo.

A guerra química que apavora a Humanidade, a pavorosa guerra que os nossos avós não sonharam, mas que o Evangelista visionou.

Há anos um desenhador alemão quis dar um aspecto da guerra futura e escolheu para cenário a praça de Ludgarte, em Londres, bombardeada por obuses de gases asfixiantes. Um horror! Nem as mulheres, nem as crianças seriam poupadas!...

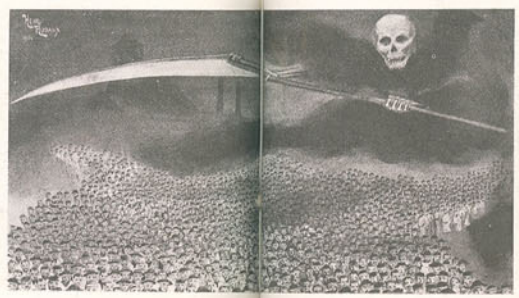
Entretanto, os sábios intensificaram a sua acção no sentido de conseguir um extermínio completo.

Cada dia que passa, os perigos avolumam-se mais e mais e a tal ponto que o próprio solitário Pátmos, tão familiarizado com horrores, recuaria apavorado se os observasse.

O que ontem parecia assombroso, tornou-se hoje ridìculamente banal.

Eis uma voz de há trinta anos em plena França:

"Com a mobilização completa, isto é, ajuntando as 6 classes da reserva da tropa territorial, que pode ser avaliada em 600 mil homens, pelo menos, surgiria um aumento de despesa de 6.600.000 francos por dia, elevando a despesa que era de 31.460.000 a 38 milhões em números redondos.



A nova Morte

Trinta e oito milhões por dia!... Eis a despesa que podemos prever no caso de rebentar uma grande guerra. Se ela durar 8 meses (245 dias) como a de 1870-1871, gastaríamos o melhor de 9.310 milhões...»

Isto calculava em Fevereiro de 1906, o deputado Jules Roche, antigo ministro, mal supondo que a Grande Guerra que rebentaria oito anos depois, não durou 8 meses mas 62...

E o técnico continuava o seu cálculo:

"A soma de 11 francos por homem e por dia que tomamos como elemento de cálculo em França, poderia ser generalizada na Europa, e aplicada exactamente à Alemanha, à Austria, à Itália, etc.

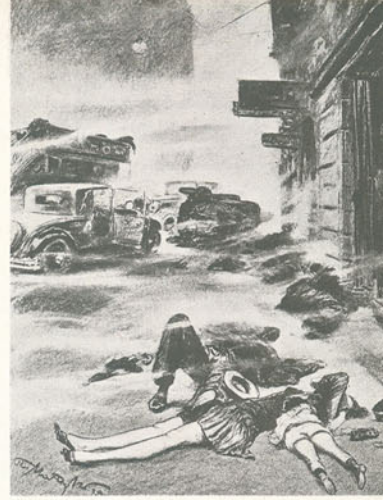
"As formações totais de guerra dariam, pelo menos, segundo as previsões oficiais

Na Alemanha.....	5.400 000	homens
» Austria-Hungria	2.000.000	»
» Itália	3.300.000	»
	10.700.000	»

"Dez milhões de homens a 10 francos por cabeça trazia uma despesa total de 100 milhões por dia que devemos juntar à nossa.

"E não metemos em conta as despesas da Inglaterra.

"Os cálculos a que procedemos tiveram por base as despesas da França com a guerra de 1870 e não compreenderam as despesas duma guerra marítima que se daria hoje ao mesmo tempo que a guerra continental e que acarretaria despesas enormes.



Nem mulheres nem crianças são poupados em face da guerra química que não viva apenas combatentes, mas todo o fôlego vivo

"E assim se chegaria a somas vertiginosas que ultrapassariam muito o total dos orçamentos existentes!

Se o ilustre técnico pudesse fazer hoje os seus cálculos, a que conclusão chegaria?

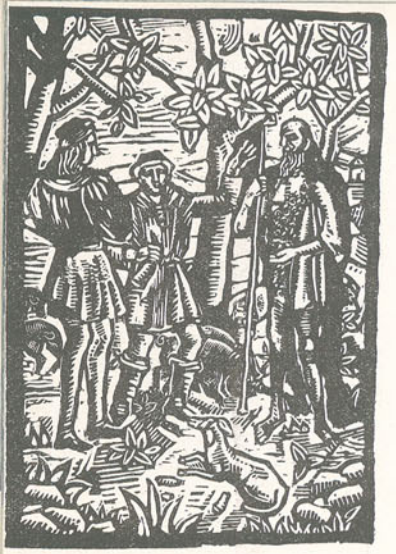
A guerra que a Humanidade visiona centuplicaria as previsões do ponderado crítico francês de há trinta anos.

Quem poderá sondar o que está para vir, e, que tratando-se, de mais a mais, duma calamidade, surgirá sempre imprevista e fulminante?

De resto, enquanto houver dois homens sôbre a terra, a luta há de ser o fulcro essencial do programa da vida...

Uma das muitas aulas do curso de defesa contra a guerra química, e cuja freqüência é hoje rigorosamente obrigatória na Alemanha

Alunos das escolas de defesa contra a guerra química na Alemanha, praticando nos trabalhos de extinção dum incêndio causado por um bombardeamento



A TENTAÇÃO DE S. BANABOIÃO

Trecho do novo livro de Aquilino Ribeiro

S. Banaboião anacoreta e mártir *é o título do novo livro que o excelso escritor Aquilino Ribeiro fará aparecer por êstes dias. Mais uma obra primorosa do insigne prosador que, sempre original, em nada se confunde com o paisagista bárbaro das* Terras do Demo *nem com o estilista impecável das* Filhas da Babilónia.

Não diremos, como vai sendo uso estafado de quem carece de referir-se a vinte e tantos livros por semana, que o novo romance de Aquilino se apresenta "numa prosa castigada", fazendo realçar "um belo recorte literário", etc....

Não. A prosa de Aquilino deslisa tão suavemente como as águas sussurrantes dum ribeiro, sem esfôrço, sem represas adaptadas nem desvios engenhosos. Se o autor do S. Banaboião, *seguindo a esteira de Flaubert ou de Eça de Queiroz, castigou alguma vez a sua prosa, confessamos tão sincera quão expontâneamente que não sabemos onde nem quando.*

Nos grandes insatisfeitos que emendam e reemendam tudo quanto produzem, acumulando sinónimos sôbre sinónimos para empolar o vocabulário, verifica-se muitas vezes que, não tendo feito realçar o trabalho, antes o polvilharam do já intolerável simonte de D. Luís de Gongora.

Com Aquilino Ribeiro não se dá isso. A sua prosa é expontânea e límpida da nascente sem o recurso de filtros.

Nêste escritor, a perfeição da forma brota sem tortura nem artifícios. A nosso vêr, escreveu êste livro, em estado de graça, e por isso nos conduz, página a página, numa ansiedade crescente, servindo-se duma linguagem pura, harmónica, portuguesíssima em que há muito a aprender, além do encanto que nos dá o delicioso enrêdo do romance.

Eis um trecho do novo livro de Aquilino Ribeiro, lindamente ilustrado com gravuras em madeira que a sr.ª D. Clementina C. de Moura inspiradamente esculpiu, e que, melhor do que nós, patenteará aos leitores da Ilustração *a beleza dêste magnífico trabalho literário:*

QUANDO se viram longe, a salvo da fôrça bruta da natureza, deram graças. Mas, tendo perdido a tramontana, ignoravam se caminhavam para Santiago ou lhe viravam costas. E, perplexos, aconteceu-lhes encontrar uma vara de porcos com o seu guardião.

— Patrãozinho do Senhor — preguntou o velho — vamos bem para Santiago de Compostela?

— Vão errados, santinhos. Olhem, metam por essa serra fora até encontrar um carreiro de pé pôsto. Lá, voltem à direita e vão, vão, sempre em frente, até dar com umas alminhas. Ás alminhas torçam para a esquerda e, onde toparem uma encruzilhada, deixem o caminho de carro pelo atalho. Hão de passar um souto, uma fonte com duas bicas, depois um corgo. Logo que avistem o penedo da Dançarela, o penedo do balancé, sabem, uma bola de cima duma sapata com pedra para mil carradas de bois, estão botados ao bom caminho. Não têm que errar...

— Não há dúvida, mais direito nem uma linha no bôlso — gracejou o romeiro. — O amigo para ganhar o Céu vinha ensinar-nos o caminho...

— E quem me guarda os porcos?

— Ficam guardados — e, isto dizendo e espetando no chão a vara que era de azinheira, o velho soltou um *vicá! vicá!* tão natural e eloqüente que nem que tôda a vida fôsse adueiro, ao passo que com mão discretamente evangélica espalhava as bolotinhas que trazia no bolso. E como se a vara crescesse, se cobrisse de ramos e, frutificando, a gorda e substancial glande começasse a caír, os porquinhos correram a ajuntar-se debaixo dela, masca que masca, grunhindo satisfeitos, e dando indícios dali não arredar pé. O porqueiro, um instante tartamudo, acabou por proferir:

— E' então santo?

— Não, sou pecador, mas Deus nunca abandona os seus.

— Já sei, és Beltrasanas. E' Beltrasanas, não podes ser outro. Deita-me a tua bênção...

O santo homem abraçou o porqueiro, que se lançara de joelhos, abençoou ainda Banaboião, confundido e vergonhoso por não haver reconhecido naquele velho, que operava milagres às mãos ambas, o mestre que buscava, quando tal fineza fôra proporcionada ao vilão em prémio da sua humildade. Mas era justo. E enlevados no amor de Deus, depois de encarreirados pelo bom porqueiro, romperam a caminho de Compostela, guiando-se de noite pelas direituras da Via Láctea.

Certo dia, na encruzilhada de dois caminhos, foram alcançados pela comitiva duma nobre dama que levava o mesmo rumo que êles. Era tudo gente de cavalo e ela vinha montada em soberba hacaneia branca, no meio de muitos pajens e donzelas. Trazia manto de cicláton, guarnecido de pele de marta, suspenso do ombro direito por uma fíbula de oiro, gorgeira de topázios e berilos que luziam como sóis, e doidejava-lhe acima dos cabelos um penacho tremulante e furta-côres de gemas e aljôfares. De envolta fraldejavam belas capas de pano engrês, gorras vermelhas, saios de bom ruão dos cavaleiros, zorames da famulagem; mas por muito ricos que fôssem os trajos duns e doutros, chegava a alvura da carne dela para confundir quem presenciasse tal aparato. Tanto o velho como Banaboião julgaram encontrar-se diante duma deusa, das que governaram ilhas voluptuosas, e benzeram-se três vezes em sua atrapalhação e três vezes pronunciaram o santo nome de Jesus. Mas ela, de-cima da faca andaluza, nem pestanejou. Estava tirada a prova de que se tratava de criatura do Senhor e vieram à fala com ela. Quem havia de ser? A espôsa do famoso fronteiro D. Paio de Farroncóbias, flagelo de infiéis, que a rôgo do seu senhor, retido a escaramuçar com o mouro, se encaminhava a Compostela colhêr as graças inauditas do ano santo. Sem embargo de que a sua formosura deslumbrava, parecia lhana de maneiras e modesta. Iluminata se chamava...

— Iluminata! — pensou Banaboião em seu aturdimento. — Mas ela é que é o lume e o resplendor!...

Como abundassem as mulas e jumentos em tão grande equipagem, mandou ela que pusessem uma jerica albardada de retranca para o velho romeiro e um cavalo para o moço, que dava também ares de alquebrado do caminho. A voz de Iluminata, ao dar estas ordens, era branda, embora dominiosa, e as suas pestanas longas deixavam caír mais nostalgia dos olhos pretos do que um entardecer de Maio. Debalde se escusaram os peregrinos de aproveitar tal fineza, a título que tinham prometido fazer a romaria a pé. Um dos cavalariços agarrou do velho como duma pena e plantou-o de escancha-perna em-cima da burra. Banaboião, depois disto, tampouco soube negar-se. Nesse mesmo dia resignaram-se a quebra ainda maior de sua regra, aceitando da merenda, composta de boas viandas e vinhos maduros, que o mordomo serviu à sombra dum castanheiro. Como fizesse grande ardentia, ali se demoraram, depois de dar graças a Deus, a conversar de coisas honestas uns, entregues outros a passatempos próprios de gente bem nascida. Sentada num almadraque de frouxel, Iluminata cantou, e a sua garganta modulava de tal sorte que o mundo todo, sêres e coisas, uma velhinha que aconteceu passar, as núvens que o vento empurrava, pareciam suspensos a ouvir. Calava-se e nos ouvidos e nos requebros do ar permanecia por muito tempo a cascata da doce melodia.

Um dia, dois dias, três dias, marcharam os romeiros no séquito da rica-dona, tratados com tal afecto e franqueza que dir-se-ia fazerem parte, desde longa data, da sua casa. Beltrasanas choutava à sua direita em burra segura e passeira, tataraneta pela bondade daquela que carregou Nossa Senhora para o Egipto; Banaboião trotava à mão esquerda, na guisa de pajem, num pôtro que de quando em quando lançava nitridos inquietos e rompia em fogosas filistrias. Para comprazer com seus gôstos de penitência, Iluminata acabou por deixá-los ao passadio frugal, pêro, água e pão, e ela própria, substituindo o psaltério pelas camândulas, atulhava a alma de avè marias e de padre-nossos. E os anjos exultariam no Céu, que na longa caminhada para Compostela não fazia calor nem frio, não lhes faltava coisa que honestamente apetecessem, nem ainda sobreviera contratempo que merecesse nome de enfado.

Acampavam com o crepúsculo vespertino no primeiro lugar a jeito, dormindo em almadraques que traziam nas azémolas, alguns de frouxel, e com pelicões à laia de cobertas. Em geral aparceiravam donas a uma banda, cavaleiros a outra, mas com o sem-rebuço e singeleza a carácter do tempo. Se não encontravam *esprital*, servia-lhes um souto, e, à falta das velhas árvores tutelares, armavam o largo tolde de estanforte contra o vento e assim pernoitavam, muito chegados entre si e fraternais. Foi por uma dessas noites que acidentalmente a enxerga de Banaboião ficou a roçar a cama de Iluminata, o que muito o sobressaltou em sua meticulosa pureza. E, não podendo cobrar o sôno, à fôrça de malucar sôbre a tremedal em que se via, aconteceu-lhe, já altas horas, aperceber-se do quer que era que cintilava no escuro e se dirigia tacteante para o seu lado. Reprimindo o fôlego ante o fenómeno, breve reconheceu pelas águas trémulas das pedras finas tratar-se da mão de Iluminata. A mão pairava como asa, incerta onde baixar, e Banaboião ficou a segui-la em sua manobra, sem pinta de sangue e sem bolir, como a um falcão que viesse para lhe arrancar os olhos. Depois a mão desceu por cima dêle, palpou-lhe os ombros e, resvalando no sentido da cabeça, poisou-lhe na nuca. Uma vez aí, os dedos recurvaram-se e, firmando-se, fizeram o jeito de atraír.

Afogueou-se o môço, como se ao corpo se lhe apegasse lume infernal, e não mexeu. A nobre dona estaria a sonhar, sim, aquele gesto podia não ser outra coisa senão a reflexa involuntária dum sonho, porventura, da mais rosada candidez. A mão, porém, ora se crispava, ora lhe afagava a carne, e êle sentia nítida e perturbantemente as cócegas brejeiras e a arranhadura leve. Perante tão voluntarioso manejo, chamou-se Banaboião ao dulcíssimo Jesus, mas o santo nome não lhe valeu. E foi então que, concentrando em si tôda a energia, com desesperado denodo desviou a mão temerária. A mão, porém, reincidiu. E Iluminata dizia-lhe baixinho:

— Banaboião, meu amigo, estou com frio; chegai vos para aqui...

— Senhora minha, vou deitar-vos mais roupa na cama...

— Não, não, chegai-vos para mim... O vosso calor aquece bem melhor.

— Senhora minha, não sou digno nem merecedor. Tocar eu, com o dedo, molhado sequer, na espôsa do nobre rico-homem D. Paio de Farroncóbias...!?

— Se eu vos pedir...?

— Por vida minha, não!

— Se eu vos mandar?

— Com todo o respeito direi ainda e sempre não, três vezes não!

— Socorro!... Socorro!... — rompeu ela a gritar. — Este mau romeiro ousou erguer mão atrevida para mim! Acordai, meus pagens! Ofenderam em sua honra a D. Paio de Farroncóbias, que combate ao lado direito de nosso amo D. Afonso Henriques, e é alcaide de Trancoso. Desrespeitaram-lhe as vinte cicatrizes e gilvazes e o balsão em que campeiam três castelos, que tantos assaltou e rendeu! Vivo ou morto tirem-me da vista êste perdido do Senhor!

Estremunhou o arraial entre gritos de maldição e pasmo. Dez manápulas caíram como gerifaltes sôbre o filho de Pero Fogaça, transido e assombrado, e depois de o carregarem de algemas levaram-no. Levaram também aos encontrões o velho Beltrasanas, na qualidade de mentor do facínora. E não foi preciso mais que um sinal para ambos serem lançados na masmorra da primeira terra que encontraram.

Era um antro tenebroso, dum negrume tão opaco que só depois de muito lá estar é que se enxergava a sua traça: chão térreo, paredes de bruto granito, tecto de tábuas assente sôbre caibradura poderosa, vassala tôda ela de duas grossas linhas de roble. Notaram que lhe chamavam a *Casa das Ratas* e o apodo lhe ia bem pois que, um instante depois de entrarem, eram tantos aqueles imundos animais que foi preciso distribuir pontapé à direita e à esquerda para pôr um pouco de moderação à sua agressiva curiosidade. Mas ouviam-se chiar para os cantos, bulharem, e o seu tropel lembrava soldadesca ébria nas alcáçovas. A luz entrava por um buraco do sobrado, reflexo já de luz indirecta, tão triste que parecia de candeia moribunda. Mas, pouco a pouco, ao pálido morrão, os silhares dos muros acabaram por circunscrever-se na esquadria tôsca, escorrendo salitre, com argolas de ferro ao centro para chumbarem os presos de responsabilidade.

Acordou, finalmente, no primeiro piso,

com a entrada dos moradores — mulheres, crianças, o cão familiar — todo o desvairado chinfrim da lide doméstica vilã. Devia ser ali a habitação dos carcereiros, e os dois servos de Deus, bem embora se achassem revestidos de exemplar paciência para todos os agravos da fortuna, experimentaram um certo consôlo em sentir-se em contacto com o restante género humano.

Quando Banaboião contou a Beltrasanas — que soprava furioso como um toiro em sua mal contida cólera, supondo-o culpado — o que lhe acontecera com Iluminata, o velho benzeu-se duas vezes. E, depois de se benzer e recobrar do espanto, disse:

— Seja em desconto dos nossos pecados. Quem nos mandou preferir aos *pedibus calcantibus* a azémola bem arreiada e ao cântico desataviado dos pássaros pelas balsas fora os harpejos sábios do psaltério?! Estamos a pagar a nossa pecaminosa condescendência. Andámos mal em arranchar com semelhante gente; andámos pèssimamente em aceitar-lhe os convites; e não tem perdão que metêssemos a mão em seus merendeiros e nos deitássemos em suas camas fôfas. A gata aluada arranhou-te? Dá graças por te safares com alanhões e, em despeito do pior do pior que nos possa suceder nesta enxovia, sempre salvamos a alma. Por isso eu vos estou reconhecido, meu Deus, e por nos teres reservado castigo tão pequeno em proporção da grande culpa. E eu te abenção, Banaboião, meu filho, meu discípulo amado, em nome de Deus Padre, todo Poderoso, o qual não há conto nem fim, pela maneira heróica como te libertaste das garras da deusa impúdica! José não se portou com mais brio para com a mulher de Pútifar e eu, setenta, oitenta, noventa anos, não sei já, que conto de baldões e brigas com o Demónio, receio muito que me não agüentasse com igual bravura.

AQUILINO RIBEIRO.

Um inglês janta em companhia de sua mulher. Ao chegar ao assado, esta cai fulminada por uma apoplexia. O marido, sem se alterar, agita uma campainha. Chega um criado e êle diz-lhe:

— Leve a senhora e traga batatas.

■

Sabendo a esposa de Ximenes que êle tinha sido nomeado jurado, disse logo:

— Todos os réus podem contar com a indulgência dêle.

— Sim, e então? Meu marido não é capaz de condenar nem uma porta.

■

Numa mercearia:

— O senhor quer-me cá para caixeiro?

— Tem prática?

— Estive em casa do sr. Guimarãis.

— E porque saíu de lá?

— Porque o sr. Guimarãis embirrou comigo, só porque eu lambia as amostras.

■

Um pobre diabo bate à porta de um quarto de banho.

— Não pode entrar — dizem de dentro.

— Glorioso poeta.
Gostava tanto de possuir um retrato seu!
— Oh!... meu amigo!... Enche-me de orgulho!
— Era um rèclame tão bom para a minha loção capilar!...

— Ora é bem feito para eu não ser tolo; nunca mais bato à porta de um quarto quando lá houver gente dentro.

■

Entre esposos:

— Dize-me, Amélia, qual a desgraça que sentirias mais?

— Como te amo muito, Raul, o que sentiria mais é que tu ficasses viuvo.

■

— Não jogo nunca, porque se ganho um dia, tenho a certeza de perder no dia imediato.

— Faça uma coisa: jogue dia sim, outro não.

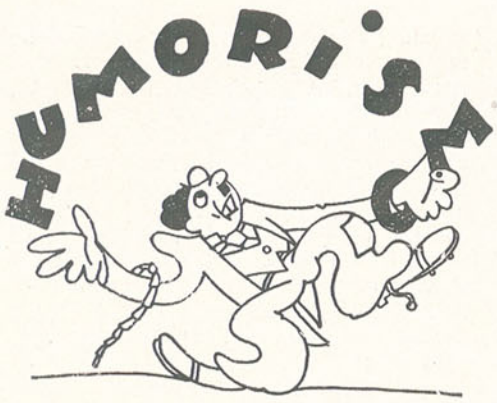
■

Diálogo entre compadres:

— Juro-te que não poderia viver sem minha mulher.

— Tanto a amas?

— Não é por isso; é porque ela é quem tem o dinheiro.



Um indivíduo no dia dos anos do filho dá-lhe meia libra em ouro, e diz-lhe:

— Agora vê lá o que fazes com êsse dinheiro. Nada de tolices. Pega na meia libra e compra uma bolsa de prata para a guardares

■

Num exame de direito penal:

— Que vem a ser fraude?

— É uma cousa tal como se V. Ex.ª me reprovasse.

— Ora essa?! Porquê?

— Porque, segundo o código penal, comete um crime de fraude todo aquele que se aproveita da ignorância d'outrém para o prejudicar.

■

Um sujeito pretende entrar como sócio numa empreza comercial.

— E o sr. está certo de que tem faro para o negócio?

— Faro? Ora essa! Tenho tres anos de Faro... em casa do Assis.

■

O médico: — Joaquinzinho, deite a língua de fóra.

Joaquinzinho, muito sério: Pois não deitaste! Ontem fiz isso ao mestre e ele deu-me logo um puxão de orelhas.

■

No clube:

Uma senhora a um sujeito já velhote:

— Prefere a valsa a dois ou três tempos?

— Oh! minha senhora! o que eu preferia era o tempo das valsas!

■

Num concerto de música clássica.

— Olha lá: que motivo é este?

— Um motivo fortíssimo para nos irmos embora quanto antes.

■

No correio:

Um campónio: — Faz favor vende-me um sêlo para esta carta?

O empregado: — A carta é muito pesada, tem de levar mais do que um sêlo.

O outro, indignado: — Pois não vê o senhor que quanto mais selos lhe puzer mais pesada fica?

Um sujeito vai andando muito contente com uma ave na mão.

— Que passarôco é êsse! — pergunta-lhe alguém.

— Não sei. Disseram-me que vive duzentos anos, compreio-o para ver se é verdade.

■

— Porque choras, pequeno?

— Perdi o tostão que o papá me deu.

— Toma lá outro, não chores,

O petiz recebe o tostão e chora com mais força.

— Porque choras agora?

— Porque se não tivesse perdido o outro tostão, tinha agora dois.

■

Um solteirão dizia para um amigo:

— Não sabes, Maurício? Começo a aborrecer-me profundamente dêste isolamento da vida de celibatário. Sinto-me *atraído* pelos encantos da joven Sarah,

— Como cortamos o cabelo?
— Não corte muito curto, hein? Não quero parecer uma mulher!...

e estou resolvido a casar com ela, só para vêr se encontro algum meio de distracção...

Casou, e passados alguns meses preguntava-lhe o amigo:

— Então, Carlos, a mulher que te *atraiu* sempre conseguiu *distrair-te?*

— Fez mais do que isso: *atraiu-me, distraiu-me,* e... *traíu-me...!*

■

Num exame:

O lente: — De modo que não sabe dizer-me o que é a côr? Vamos a vêr. De que côr é êsse fato que o senhor tem vestido?

— É preto?

— E porque é preto?

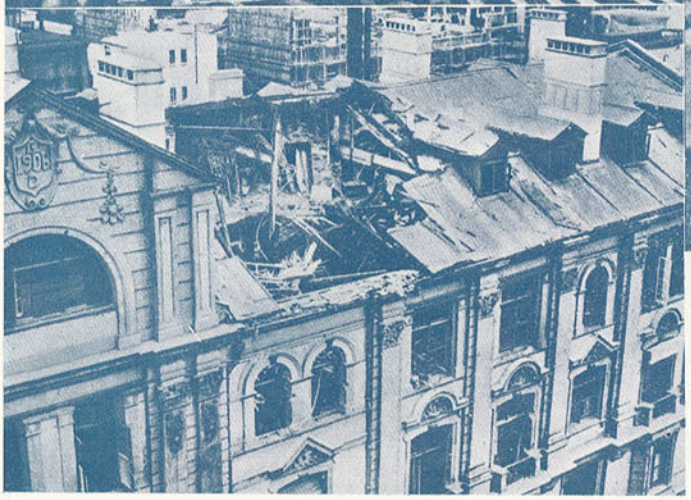
— Porque o mandei tingir o mês passado.

■

— Ó papá, eu desejava aprender francês.

— Não, filha! para seres como tua mãe acho bastante uma lingua só.

A GUERRA ENTRE A CHINA E O JAPÃO



Os quatro documentos publicados nesta página dão uma ideia do que está sendo a guerra travada entre a China e o Japão, fazendo prever o que virá a suceder ainda, visto a conflagração do Extremo Oriente estar ainda no seu começo. Em cima, à esquerda: Destroços em Tientsin após um sanguinolento combate em que os chineses desenvolveram uma resistência tenaz. — A' direita: Outro montão de ruínas na mesma cidade, patenteando nitidamente a violência dos bombardeamentos. — Em baixo, à esquerda: O estado a que ficou reduzido a Estação Central de Tientsin. — A' direita: A bela fachada do Palace-Hotel, de Xangai após o bombardeamento

A QUINZENA DESPORTIVA

Azevedo o novo guarda-redes do grupo nacional, prova pelo seu trabalho em Vigo o merecimento com que foi escolhido

As semanas passam e a actividade do desporto português mantem identica monotonia, dificultando a missão dum cronista que é forçado a apreciar apenas factos já desaparecidos da tela flagrante da actualidade. Não ha possibilidade de tecer considerações interessantes sôbre a marcha normal dum campeonato que avançou duas jornadas mas ainda se encontra muito longe do desfecho, nem importa aos leitores a nossa opinião acêrca da vitória do Sporting sôbre o Benfica ou das exibições das novas estrêlas Espírito Santo e Azevedo; são acontecimentos que a imprensa diária ou da especialidade apreciou pormenorisadamente a devido tempo e aos quais não importa volver.

No entanto, a quinzena transacta ficou assinalada por um facto que captou todas as atenções do meio e, pelas suas características tradicionais, marca uma data célebre na história do desporto português: referimo-nos ao encontro efectuado em Vigo no domingo passado entre a nossa selecção nacional e o grupo de foot-balistas representante da Espanha Nacionalista.

Mais prontamente do que esperavamos, a Federação Internacional concedeu uma autorização que, vendo bem, interessava aos dois partidos em litígio, pois se os dirigentes nacionalistas espanhois buscavam a viabilidade de encetar contacto com as representações dos países afectos, também a entidade mandante do lado dos "vermelhos» tinha urgência em prosseguir com a viagem do seu grupo encalhado em Paris, a gastar sem produzir, e esperado no México para uma série de desafios rendosa.

A decisão ambígua da F. I. F. A. pode tomar-se, assim, como um acto diplomático destinado a agradar a uns e outros; qualquer das facções em que a Espanha se encontra ainda dividida recebeu autorização para estabelecer contacto entre os seus clubes ou grupos seleccionados e idênticas formações dos países filiados naquele organismo, com a única reserva de não poderem ser considerados jogos internacionais aqueles em que uma das selecções espanholas defronte o onze representativo doutra nação.

O jogo de domingo passado não figurará nunca nas tabelas da F. I. F. A. como o seguimento legítimo dos doze encontros Portugal-Espanha que se estendem desde 18 de Dezembro de 1921 a 5 de Maio de 1935; mas o caso pouco importa no campo prático, porque para todos nós êle comportou as mesmas responsabilidades e revestiu-se do mesmo significado moral.

No momento de escrevermos esta crónica, alguns dias antes da data do encontro, o grupo português escolhido por Candido de Oliveira, prepara a sua partida para a risonha cidade galega onde já uma vez, ha quatro anos, deixamos escapar a melhor oportunidade de triunfo; oxalá agora tenhamos sido mais felizes.

■

A Federação Franceza de Atletismo vai enviar no mez próximo à Africa Ocidental uma missão técnica encarregada de descobrir, entre os indígenas, indivíduos de classe excepcional capazes de prestar sob as cores da França os mesmos serviços vitoriosos dos negros americanos.

Embora o objectivo da viagem seja apresentado com o disfarce da orientação e desenvolvimento do desporto colonial, transparece claramente nas entrelinhas a verdadeira finalidade, aquela que primeiro indicamos, e que é um último recurso de salvação para o descalabro da modalidade resultante do valor escasso dos especialistas metropolitanos.

A iniciativa merece ser apontada pela sua originalidade e, também, desassombro; reconhecendo que os triunfos conquistados nas pugnas internacionais envolvem, pela importância actual do desporto, o prestígio e a propaganda nacionais além fronteiras, os dirigentes do atletismo gaulês puzeram de lado preconceitos sediços e lançaram desassombradamente mão de quantos recursos legítimos a expansão do seu país lhes proporcionava. Este critério em qualquer caso interessante, é sobremaneira importante para uma nação de vasto império colonial como Portugal.

Já por diversas ocasiões temos posto em evidência a vantagem que resultaria para o desporto lusitano do estabelecimento do intercâmbio Metrópole-Colónias e da intensificação e propaganda da prática desportiva entre os muitos milhares de compatriotas que vivem nos territórios de além-mar.

Ha quási três anos que o problema foi analisado pelo Congresso dos Clubes mas as conclusões então aprovadas morreram abafadas no esquecimento e nada ainda se tentou no sentido de realizar o que em teoria mereceu aplauso. No entanto, a revelação entre nós dalguns jogadores de foot-ball vindos de Luanda e ràpidamente elevados a estrelas devia ter incitado a promoção de qualquer empreendimento neste sentido.

Em Agosto do próximo ano e por iniciativa do govêrno de Angola, vai ser levada a efeito uma Exposição-Feira na qual se farão representar todas as actividades económicas ou industriais da colónia; na imprensa local sugere-se a hipótese de incluir nessa organisação um programa desportivo no qual colaborariam elementos deslocados de Moçambique e do Continente.

Eis a melhor opurtunidade para iniciar a campanha de aproximação e propaganda à qual ainda ninguem teve coragem para meter ombros. Não será, talvez, muito difícil conseguir em tais circunstâncias o patrocinio oficial que proporcionasse facilidades de passagem e estadia; a época é excelente, pois coincide com o período de férias durante o qual a deslocação é mais acessivel a estudantes e funcionários de qualquer espécie, e entre os elementos praticantes ou dirigentes técnicos com valor marcante não custará encontrar quem aceite com alvoroço o convite para visita, tão agradável, aos irmãos da África Ocidental.

■

"Os resultados obtidos por um país nas competições internacionais provam, quando muito, o treino apurado dos indivíduos excepcionais. É uma questão de escolha e, portanto, de método. Os govêrnos autoritários dispõem nêste campo de facilidades que faltam às nossas democracias. Mas o bom estado físico da nação pròpriamente dita, das suas mulheres, homens e crianças, não fica comprovado pelo facto e é esta segunda demonstração muito mais importante para avaliar com propriedade o grau de desenvolvimento físico dum povo».

Estas são as palavras que abrem o relatório do inquérito a que procedeu na Alemanha o professor Ernesto Loisel, director da Escola Normal de Educação Física de Paris.

Os resultados das suas observações, interessantíssimos nos mínimos pormenores, são sobretudo impressionantes pela parte que se refere à expansão popular do movimento desportivo guiado pelo Estado e impulsionado pelo partido Nacional Socialista. Os números que vamos transcrever, de esmagadora eloqüência, ofe-recemo-los à meditação dos diversos portugueses com cérebro pensante mas ideias antagónicas para os quais a educação física da mocidade da nossa terra não deve passar além duma passividade meditativa donde o desporto é escorraçado como um malefício destruidor.

Existem na Alemanha quatro organizações oficiais que cuidam dos problemas relativos à prática do desporto e da educação física; a Confederação (Reichsbund) que reune tôdas as federações desportivas, as mantem sob sua dependência e critério único, contando 2,5 milhões de filiados activos; os organismos paramilitares da S. S. e da S. A., albergando outros 2,5 milhões de homens; a Juventude Hitleriana com 7 milhões de membros e, finalmente, a K. D. F., "Fôrça pela Alegria», que reune 6,5 milhões de criaturas, recrutados dos meios populares.

Somando estas parcelas e juntando-lhes ainda 1 milhão de soldados, 500.000 homens dos Campos de Trabalho e 3 milhões de crianças das escolas primárias de idade inferior ao mínimo de admissão na Juventude Hitleriana, encontramos uma multidão de 22 milhões de crianças e adultos de ambos os sexos que cultivam regularmente e por iniciativa do Estado, o desporto, a educação física e os exercícios pré-militares!

SALAZAR CARREIRA.

O avançado-centro Espírito Santo, outro novo recruta para o grupo português também no jôgo contra a Espanha satisfez as esperanças nele depositadas

A aproximação do Inverno trouxe, nos países nórdicos, o reaparecimento das festas de patinagem, tendo contribuido enormemente exito a primeira exibição em Londres da campeã do mundo Cecilia Colledge

As exibições de ginástica de conjunto são na Alemanha, de uso corrente, e nos mais modestos terrenos de qualquer cidade se reunem algumas centenas de raparigas e rapazes para executar seus exercícios

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Fábula, de Chompré; Rifoneiro, de Pedro Chaves; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

CORRESPONDÊNCIA

A *Polybo*, *Bacamarte* - Lisboa; e *Zé da Eira* – Luanda. Acusamos a recepção das vossas cartas, que agradecemos, e esperamos que continueis a remeter assiduamente a vossa prestimosa colaboração.

Por lapso foi devolvida alguma correspondência destinada ao Director desta Secção da qual se solicita uma nova remessa.

ERRATAS

A numeração das parciais da charada n.º 3 do Desporto Mental n.º 1 deve ser: 2-1; e o último símbolo do figurado do Desporto Mental n.º 2, que é uma letra grega, deve ser, para o efeito, considerado em posição invertida.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 3

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Essa *deusa* aureolada — 8, 2, 4.
Que a meus sonhos presidia
De manto níveo, encantada,
Desfez-me os sonhos um dia.
. . . . . .

Cruzámos no meu *caminho* — 7, 6, 4.
Terno olhar encantador...
Chovia. Bem regadinho,
Logo nasceu nosso amor!

Amo e *senhor* me tornei — 1, 9, 7.
Dessa gentil figurinha,
A quem a alma entreguei,
Julgando que era só minha.

De *bom gôsto* me gabavam, — 1, 4, 3.
De inveja amigos mordidos,
Que muito nos admiravam
Quando nos viam unidos...

O mal, porém, não se evita, — 5, 4, 6.
Nem o prazer sempre dura.
Uma cachopa bonita
Como a traz, leva a ventura!

Triste *data* e negro fado... — 2, 7, 4.
Ventava nesse momento...
Trouxe-a a chuva p'ra meu lado,
De mim a levou o vento...

Mágoa profunda senti — 8, 9, 7.
— Ó' vento de maldição! —
Fugiu — nunca mais a vi,
Fulminou meu coração.

Pouco me importa viver, — 5, 4, 3.
Nem a vida já me presta.
O meu anceio é morrer,
E' consolação que resta.

Porém, o tempo decorre... — 5, 4, 1.
E eu, já gasta a saüdade,
Vejo, enfim, que não se morre
De amor com facilidade...
. . . . . .

Reformei a minha norma
E o coração amoroso...
Vou proceder doutra forma:
Ser para «clas» *manhoso*...

Lisboa — *Rei-Fera (Póstumo)*

CHARADAS NOVÍSSIMAS

2) *No teu leito de espuma em barco errante..*

Pois, iludido assim nessa doçura,
Embora no fulgor da fantasia,
Sentirei mais suave a *desventura*. — 3.

Até que baixe um dia à terra fria...
. . . . . .

II

E tú, ditosa pátria cintilante,
Onde a suprema fé se dilatou, —
Tornando-te famosa e deslumbrante,

Diz-me: quém foi que assim te transformou,
P'ra não veres em mim a alma qu'rida
Que uma mãi carinhosa idolatrou?..

Desanimo na luta pela vida
Enquanto permaneces indif'rente,
E de atitude mesta empedernida,

Tornando-me *infeliz* e descontente.

Lisboa — *Fero (L. A. C.)*

3) Foi *apenas* um sonho, uma visão, — 1.
Uma doce quimera aurirosada;
Uma esperança nunca efectivada,
Um louco desatino... uma ilusão.

Foi um beijo esculpido com paixão
Nuns lábios de «*mulher*» apaixonada, — 2.
Que acaricia e tece uma alvorada
No seu olhar que tem fascinação...

Foi um raio de luz, sublime enleio,
Inefável canção, um devaneio
Que despertou em mim suavemente...

Foi assim, êsse amor, essa loucura
Que passou entre risos e amargura...
Sem explendor nem *fama*... indiferente.

Lisboa — *Barão Y*

ADÁGIOS ANGOLENSES

II

(Aos charadistas de Luanda)

4) S.to António milagrento,
Casamenteiro das moças,
Depara-me um casamento
O mais depressa que possas.

Implorava a Muchiminha,
(Conceição gentil beldade.
Tinha fé, a mulatinha,
E o santo fez-lhe a *vontade*... — 2.

Deparou-lhe um «companheiro»
Asselvajado, brutal...
Beberrana, azevieiro...
O santo serviu-a mal...

Se «atesta» no «roxo» (é tê-lo!...)
Ou no *suco da palmeira* (*) — 2.
Atira-se à companheira
A «chegar-lhe a roupa ao pêlo...»

(*) Embriaga muito quando fermentado.

21 ENIGMA FIGURADO

Querem prender o marióla?
Opõe-se e diz a Muchima (*):
« — Uanguibêta uanguizola...» —
(Se me bate é que me estima.)

O homem «toca-lhe a pavana»?
Faz-lhe o corpo n'um chamiço?
Pois a indígena angolana
Tem um grande *prazer* nisso!...

Angola — *Jorge de Lucena*

(*) Conceição e coração.

MEFISTOFÉLICA

5) Não me *furta* o coração
Qualquer pessoa malvada...
Mas não sei por que razão
Eu ando sempre *agitada ?!* (2-2) 3.

Lisboa — *Miss Diabo*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

6) A tua *doença* tornou-te, *sem dúvida*, um grande *caluniador*. 1-1.

Vila do Rei — *Dóris I*

7) É *belo*, na aparência, mas com pouca *área* para *namorar*. 3-1.

Lisboa — *Edmaro (L. A. C.)*

8) Tenho o *feitio* de estar sempre *isolado*, por causa de ser *destro* para qualquer serviço. 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

9) O *maçador* estudante *produz* às vezes, *estúrdio* dos diabos!... 2-1.

Luanda — *Mrs. Le Bossat*

10) Um *cordeiro*, quando avista um *porco*, fica *parado*. 2 1.

Luanda — *Ti Beado*

SINCOPADAS

11) É sempre *fantástico*, mas bem *acabado*, todo o meu trabalho. 3-2.

Luanda — *Ti Beado*

12) Dei-lhe uma *carga* de pau por ser uma pessoa *impertinente*. 3 2.

Lisboa — *Rei Mora*

13) O menino *santo* atravessou a nado o *rio de Portugal!* 3-2.

Lisboa — *Jónio (L. A. C.)*

14) Quem *pratica* o charadismo presa a sua *língua*. 3-2.

Lisboa — *Mirones (L. A. C.)*

15) uma *espia* aqui *jáz* 3-2.

Lisboa — *Nita*

16) É de *gravidade* comer um *petisco* a meias com alguém. 3-2.

Luanda — *Dr. Licascar (L. A. C.)*

Ao Anauferve

17) Deste-me um *abraço* tão apertado que fiquei com uma costela «*quebrada*». 3-2.

Lisboa — *Rina (L. A. C.)*

MEFISTOFÉLICAS

18) Parecem de *gelatina* as *unhas* do *beleguim* (2-2) 3.

Luanda — *Ti Beado*

19) A tua *aia* gostava de te *sovar* para te *abrigar* da chuva? (2-2) 3.

Luanda — *Dr. Sicascar*

20) *Um tanto* habituado a *viver agradàvelmente*, não posso admitir a ideia de alguém me *martirizar*. (2-2) 3.

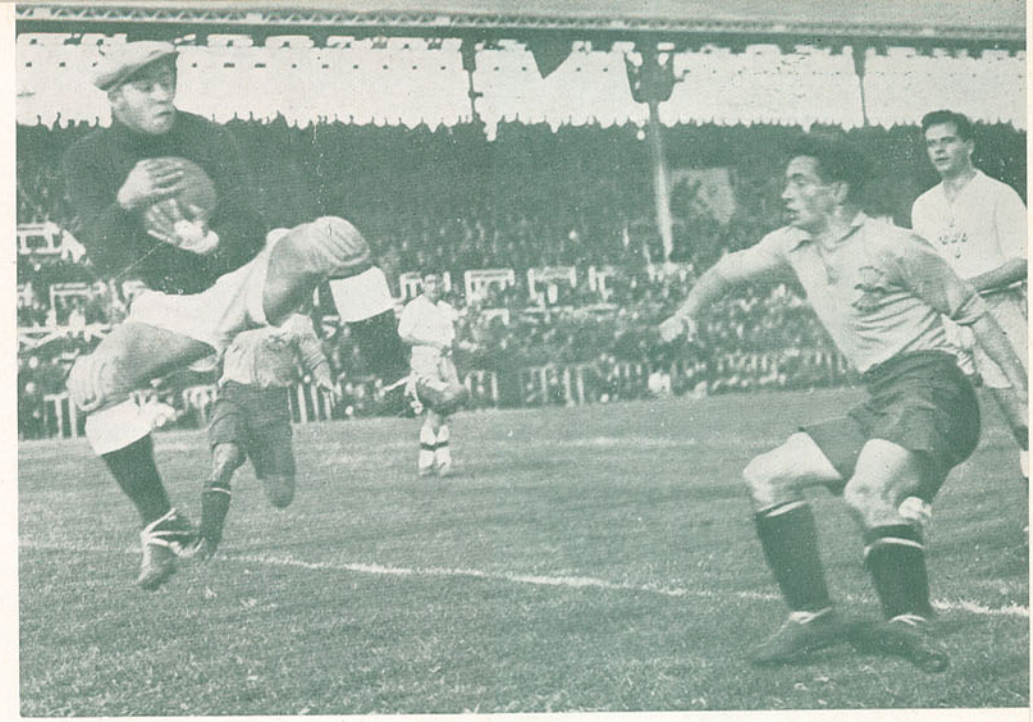
Lisboa — ✕505

Tôda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

O GRANDE DESAFIO

DE "FOOTBALL" EM VIGO

Portugal 2 — Espanha 1



No passado domingo, realizou-se no Estádio de Balaídos, em Vigo, um grande desafio de «football» que fez vibrar a Alma Portuguesa. Um verdadeiro triunfo! Portugal derrotou pela primeira vez, na grande cidade galega a equipa nacional espanhola. O próprio sol parecia regozijar-se com o acontecimento, iluminando o campo com os seus afagos doirados. Sol de inverno — dirão. Sim, o sol de inverno que, segundo o Poeta,

dá muitíssima luz, mas não aquece nada...

visto o calor se apresentar concentrado nos peitos dos jogadores e nos muitos milhares de entusiastas chegados ansiosamente de todos os pontos da Espanha nacionalista e de Portugal.

Portugal venceu. Daí o júbilo que um ilustre crítico desportivo difiniu assim: O «Portugal-Espanha» deixou de ser «o jôgo que nunca ganhamos». A selecção portuguesa, vencedora das selecções francesa, italiana, húngara, chilena, jusgoslava, checo-eslovaca e belga, é também, agora, vencedora da selecção de Espanha.

Em cima: *Um curioso instantâneo do desafio Portugal-Espanha em que cada uma das equipas defenderam denodadamente o brio da sua nacionalidade.* — Ao centro: *o «onze» de Portugal e o «onze» de Espanha.* — Em baixo: *O momento em que os espanhois, pretendendo ver irregularidade na jogada de Espírito Santo, reclamam a paragem do jôgo.* — A' direita: *Os espanhois, num ímpeto formidável, tentam romper a defesa portuguesa que se mantem firme*

NA PÁTRIA DOS FARAÓS

A PRECIOSA ARTE DO POVO EGÍPCIO

Ala central duma sala hipóstila

NA arte do povo egípcio, que foi quem até hoje melhor soube estilizar, há três grandes períodos. Costumam êstes designar-se, com o nome da cidade que servia de capital, às dinastias reinantes.

O primeiro período ou menfítico, representa um alto grau de civilização egípcia. Salienta-se pela escultura e pelas colossais pirâmides, famosas em todo o mundo. Ao segundo período ou tebano, corresponde o apogeu da arte egípcia.

No terceiro período ou saïta, a arte enfraqueceu e recebeu depois, ligeira influência grega.

No ano 30, antes de Cristo, o Egipto caiu sob a dominação romana e em 381, da nossa era, a religião cristã foi declarada religião do Estado, sendo então as estátuas destruídas e os templos mutilados.

A arte do período menfítico foi por muito tempo menos conhecida do que a do período tebano.

Por uma concepção religiosa, os egípcios procuravam alojar os cadaveres numa moradia apropriada à sua nova e misteriosa existência.

Os primeiros túmulos menfíticos chamam-se mastabas, sendo as pirâmides túmulos reais da 4.ª dinastia e os hipogens, túmulos cavados nas rochas, da décima segunda dinastia. À entrada da necrópole de Gizéh, onde existem as pirâmides, levantava-se a grande esfinge, imagem do sol nascente, animal simbólico de corpo de leão e cabeça de homem. Esta esfinge imóvel era a eterna guarda do cemitério.

No período tebano, os egípcios começaram a colocar nos túmulos, estatuetas chamadas figuras funerárias. Estas figuras, geralmente têm instrumentos de agricultura nas mãos, que se cruzam sôbre o peito. Eram os criados, destinados a servir na outra vida, o seu amo.

As paredes dos túmulos egípcios, eram autênticas biografias do morto, e, exposição da vida naquela época, de tal forma estão desenhadas e gravadas em baixos relevos com factos referentes ao morto. Assim, representavam a apanha do linho, a ceifa do trigo e as diversas fases por que êle passava, até o padeiro o ir entregar já cozido ao morto.

Nêste período, os egípcios, começam também a querer reproduzir cênas da segunda vida, representando o paraíso dos mortos divinizados.

Todo o túmulo tem uma stéla, isto é, uma coluna de pedra com inscrições, e, geralmente ornada de pinturas e esculturas referentes ao morto.

Os templos egípcios têm o formato dum tronco de pirâmide.

À porta de entrada existem duas altas torres quadradas e de encontro à fachada estão dispostos enormes colossos. O templo, é precedido duma avenida ladeada de esfinges. À entrada, encontra-se um pátio que conduz a uma grande sala, chamada sala hipóstila, reservada aos sacerdotes. Os tectos de tôdas as salas, são sustentados por enormes colunas, empregando-se o princípio da estabilidade inerte.

As colunas têm só corpo e capitel, não têm base. Nestas colunas egípcias, encontram-se uma grande variedade de capiteis. Os principais são: o lotiforme, representando uma espécie de cone truncado, assemelhando-se a uma flor de lotus; o campaniforme, com a forma duma campânula; o papiriforme, assemelhando-se a uma flor de papiro; e o da deusa Hathor, representando a cabeça da deusa. O mais antigo é o lotiforme.

Nos capiteis egípcios, sôbretudo naqueles cuja ornamentação era por vezes esculpida ou pintada, a decoração era diferente de coluna para coluna.

Os tectos eram geralmente pintados de azul. Dentre o azul, sobressaia uma sementeira de estrêlas doiradas e grandes figuras com a cabeça de aves e corpo de pessoas.

Na ornamentação, os artistas empregaram primeiro os motivos alternativamente em relêvo e escavados, formando ângulos e entrelaçamentos, que se encontram na infância da arte decorativa de todos os povos. Pouco a pouco, as combinações desenvolvem-se e chegam a motivos compostos de caules recurvados e enrolados e conjugados pelo pé, guarnecidos de lotus e rosáceas.

Há frisos que representam o Nilo. Das suas ondulações emergem os lotus de longas hastes. Há frisos compostos da mesma flor de lotus encimadas sôbre um pedúnculo alternando com um botão ou um fruto mais pequeno.

É assim, que os decoradores chegam à composição de repetição alternativa de motivos diferentes, e, mais freqüêntemente formando contraste. Assim colocam por alternativa uma grande flor de lotus, uma mais pequena e um botão. As extremidades das hastes recurvadas em semi-círculo, determinam uma rosácea. Êste tema, encontrado num túmulo em Tebas, foi utilizado depois em tôdas as épocas da arte.

Duas espécies de plantas aquáticas, o papiro e o lotus, são particularmente notáveis, tanto na decoração religiosa e da literatura sagrada, como na decoração de monumentos e de objectos usuais.

O lotus, é muitas vezes representado conjuntamente com o papiro. As flores e os botões são coloridos, muitas vezes de vermelhão, de azul, de amarelo e até de verde. O lotus era o emblema místico do alto Egipto e o papiro o emblema do Delta. O lotus por vezes simbolizava a fecundação, a vida e a imortalidade.

A esfinge era o símbolo da fôrça unida à inteligência e tinha umas vezes cabeça de ave, outras de homem e até, por vezes, de outros animais.

O leão, pela sua fôrça, produziu sôbre os egípcios, como sôbre todos os outros povos do oriente, uma profunda admiração.

A escultura dos baixos relêvos, era quási sempre pintada. Os egípcios, mostram-nos representações em baixo relêvo, dum vigor e dum estilo admiráveis. As côres mais empregadas, são o branco, o preto, o azul, o vermelho, o castanho, o verde e o amarelo. Algumas vezes aplicavam sôbre as pinturas um verniz composto duma matéria resinosa que enegrecia com o tempo e destruia as côres, no entanto encontram-se pinturas interiores e exteriores muito bem conservadas.

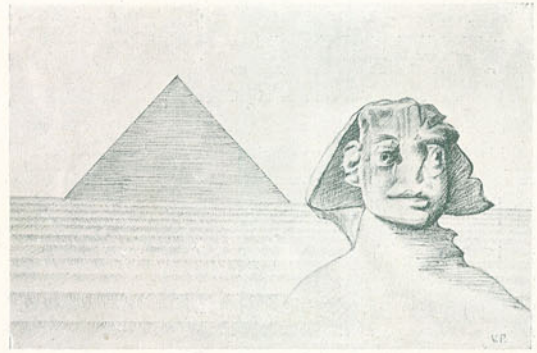
Túmulo dos Califas, no Cairo

Nas pinturas, como nos baixos relêvos, a cabeça e os pés das personagens são desenhados de perfil se bem que o corpo fique muitas vezes de frente ou a três quartos. Os olhos são desenhados de frente e à superfície do rosto. A côr distingue os dois sexos. O corpo do homem é geralmente pintado de amarelo claro. Tanto o homem como a mulher são representados na plenitude do seu vigor, isto é, jovens; a mulher com uma esbelteza e uma elegância de formas ideais.

No antigo império ou menfítico, tinham o hábito de representar a cabeça humana demasiado grande, por parecer o mais importante do corpo.

O homem é ordinàriamente representado de perfil e com a perna esquerda para a frente, de maneira a olhar para a direita.

Nos homens reproduzem sòmente os ombros de frente, enquanto que o peito fica reduzido a um plano limitado por perspectivas de perfil, e o ventre, que por indicação do umbigo, dentro do contorno da perspectiva de perfil, parece reproduzido em perspectiva a três quartos.



A grande esfinge de Gizeh coberta pelas areias do deserto

Os egípcios, tentaram reproduzir a figura humana, de modo que o esbôço contivesse tudo de essencial. Tinham por regra, desenhar as figuras segundo a sua categoria, de maneira a que as secundárias ficassem subordinadas à principal.

Assim, segundo esta praxe, êles representavam em 1.º lugar o homem, a mulher e depois os filhos; ou o rei e depois o seu séquito. A representação dos animais, está sujeita ás mesmas leis. Nenhum outro povo antigo reproduziu o reino animal de modo mais característico que o egípcio.

As tendências vegetalistas dos egípcios, vêm das antigas habitações, construídas de bambú. As paredes eram ligadas com filamentos de palmeira e o tecto feito também de varas de bambú, enlaçadas pelos mesmos filamentos. Os tectos, eram cobertos por uma camada de terra amassada com água. As barracas assim construídas, duravam imenso tempo, em virtude do clima ser muito sêco.

As suas tendências vegetalistas tiveram assim o seu início. Todos os seus monumentos têm êsse carácter. Da mesma forma, construíram as suas colunas fundamentais, inspirando-se na natureza.

VIRGÍLIO ARTUR PASSOS.

VIDA ELEGANTE

Novo titular

A comissão de Verificação e Registo de Mercês, registou ser a sr.ª D. Maria Sofia de Menezes Cardoso e Silva (Godim), a filha mais velha do falecido sr. visconde de Godim, sendo portanto autorisada a uzar o título de seu falecido pai.

Casamentos

Celebrado por Sua Eminência o sr. Patriarca das Índias Orientais e Primaz do Oriente, realizou-se no Palácio Patriarcal de Nova-Gôa, o enlace matrimonial da sr.ª D. Beatriz Menezes, gentil filha da sr.ª D. Lucinda de Noronha e Menezes e do sr. António de Menezes, já falecido, com o sr. Viriato de Albuquerque, ilustre oficial das Alfândegas da Índia, filho da sr.ª D. Augusta Pinto de Albuquerque e do sr. Caetano Filipe de Albuquerque, sub-director de Fazenda da Índia.

— Na paroquial das Mercês, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Domingas Luiza de Souza Coutinho, gentil sobrinha da sr.ª D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva e do nosso querido amigo sr. Jorge Rebelo da Silva, com o sr. Manuel Luís das Mercês de Carvalho Daun e Lorêna (Pombal).

Fôram madrinhas da noiva sua tia e sua prima a sr.ª D. Maria Madalena Soto Maior Pinto Basto e padrinhos do noivo seu tio materno o sr. D. António Maria Corrêa de Sampaio e o sr. D. Fernando da Câmara de Castelo Branco (Pombeiro).

Presidiu ao acto o prior da freguezia reverendo Augusto José Marques Soares, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia fôram executados no côro por um terceto de violino, violoncelo e órgão, vários trechos de música sacra.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios da noiva, à rua do Século, um finíssimo lanche, da pastelaria «Bernard», seguindo os noivos depois para o Mont' Estoril, onde fôram passar a lua de mel, ficando depois residindo em Lisboa.

Em uma das salas do rès-do-chão, da elegante residência da sr.ª D. Maria Domingas de Souza Coutinho Rebelo da Silva e do sr. Jorge Rebelo da Silva, encontram-se expostas as prendas oferecidas aos noivos, notando-se grande numero de alto valor.

Na assistencia à cerimónia recorda-nos ter visto as seguintes pessôas:

Marquês e marquesa de Pombal, conde e condessa de S. Tiago, conde e condessa de Vale de Reis, visconde e viscondessa dos Olivais, barão e baronesa de S. Cosme, Guilherme Ferreira Pinto Basto e D. Branca de Atouguia Pinto Basto, António Ferreira Pinto Basto e D. Maria de Lancastre Van-Zeler, D. António Maria Corrêa de Sampaio, José Viana Ferreira Roquete e D. Maria Leonor Corrêa de Sampaio Roquete e filhas, D. Teresa da Câmara de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria das Dores Corrêa de Sampaio Brandão de Melo, D. João Portugal e Castro, D. Maria Duffner de Portugal e Castro, D. António de Portugal e Castro e D. Maria da Câmara de Portugal e Castro, Eduardo Luís Pinto Basto, D. Maria Madalena Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Maria Antónia Corrêa de Sampaio de Castelo Branco, D. Emília Pinheiro Pinto Basto e filha, Leopoldo Rebelo da Silva e D. Alice Ferreira Braga Rebelo da Silva, D. Maria da Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria de Almeida de Carvalho Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. José Luís de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), Manuel de Bivar e D. Maria Emília Cassiano Neves de Bivar, D. Maria Joaquina Corrêa de Sampaio Roquete de Mendonça, D. José de Sousa Coutinho (Redondo), D. Maria Helena Varzea Pinto Basto, D. Maria Teresa de Lancastre Ferraz de Castelo Branco, D. Consuelo Centeno de Sousa Coutinho, D. Luisa de Avilez Corrêa de Sampaio, D. Maria Rita Daun e Lorena de Calheiros e Meneses, D. Mar ana da Câmara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Fernando da Câmara de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria da Luz Vilar Chaves, D. Maria Perestrelo de Matos Figueiredo Cabral, D. Maria de Lourdes e D. Maria Teresa de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Isabel Amado Braamcamp Freire (Almeirim), José Amado, D. Maria Teresa da Câmara Pinto Coelho, D. Maria Elisa Cabral, D. Maria Teresa da Cunha e Silva, D. Maria Júlia e D. Branca Maria Caldas, D. Maria Leonor de Almeida de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Maria Teresa Ferrão, Francisco de Melo Breyner, Cardoso de Meneses (Margaride) D. Manuel Alves de Carvalho Lobo da Silveira (Alvito), José Campos de Sousa, Francisco Pinto Coelho, Joaquim Soto Maior Pinto Basto, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc.

Os ilustres donos da casa, coadjuvados por várias pessoas da família, foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Margarida de Heredia Cirne Deslandes, interessante filha da sr.ª D. Maria Vitória de Heredia do Amaral Cirne Deslandes, já falecida e do capitão de cavalaria sr. Manuel Venancio Deslandes, com o sr. Marcelino Nunes Corrêa Junior, filho da sr.ª D. Leopoldina Nunes Corrêa e do sr. Marcelino Nunes Corrêa, tendo servido de madrinhas, as sr.sa D. Maria de Heredia da Veiga Ventura, prima da noiva e D. Piedade Nunes Corrêa Gonçalves, irmã do noivo e de padrinhos os srs. D. Francisco de Heredia, primo da noiva e Manuel Gonçalves, cunhado do noivo.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou se com muita intimidade, o casamento da sr.ª D. Aurora da Silva Clara, gentil filha da sr.ª D. Palmira da Silva Clara e do sr. José Maria Clara, com o sr. Mário Soares Cardoso Martins, filho da sr.ª D. Emília Soares Cardoso Martins e do sr. José Soares Martins servindo de madrinhas as sr.as D. Eulália da Silva Clara e D. Alda Corrêa e de padrinhos os srs. José Joaquim Real e António da Silva Araujo.

Terminada a cerimónia foi servido no salão do primeiro andar de restaurante Café-Tavares, um finíssimo almoço, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Em capela armada na residência da sr.ª D. Carlota Graça, tia da noiva, celebrou-se presidido pelo reverendo prior de S. Sebastião da Pedreira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Silvia Queiroz Costa, interessante filha da sr.ª D. Maria José Queiroz Costa e do sr. Joaquim Queiroz Costa, com o sr. dr. Luís Malheiro Dias, filho da sr.ª D. Maria Luiza Malheiro Dias e do ilustre escritor sr. Carlos Malheiro Dias, tendo servido de madrinhas a tia da noiva e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Albino da Silva Guimarães e o pai do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Acabada a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a sua quinta em Vizela, onde fôram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Mariana Costa Pires Simões, espôsa do sr. Américo Simões, foi pedida em casamento para seu cunhado o sr. João Simões Junior, filho da sr.ª D. Tomásia Pires Simões e do sr. João Simões, a sr.ª D. Maria José do Casal Ribeiro da Cunha e Foyos, gentil filha da sr.ª D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro da Cunha e Foyos e do sr. Fernando da Cunha e Foyos, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Com um caracter de muita intimidade, celebrou-se na capela da Casa da Seara, em Entre-os-Rios, o casamento da sr.ª D. Maria Elvira de Lemos Barroso Pereira, interessante filha da sr.ª D. Eduarda de Lemos Barroso Pereira e do sr. António Barroso Pereira lá falecida e neta do escritor sr. Eduardo de Lemos, com seu primo o sr. Francisco Valério Teixeira Bastos Neves Pereira, filho da sr.ª D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira e do sr. dr. João Valério Neves Pereira, e neto do falecido escritor Teixeira Bastos, servindo de padrinhos por parte da noiva, sua mãi, sua tia a sr.ª D. Mafalda Barroso Pereira Bravo Torres, e seu cunhado o sr. José Leite Perry de Sousa Gomes, e por parte do noivo, sua tia a sr.ª D. Palmira do Rego Vilaverde Teixeira Bastos, seu pai e seu tio o sr. Dr. Oscar Teixeira Bastos, presidindo ao acto o irmão da noiva, prior de Varzea do Douro, reverendo Eugénio de Lemos Barroso Pereira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Para seu filho Paulo José, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Amélia Vidal Abreu, viuva do sr. Francisco António Carvalho Abreu, a sr.ª D. Maria Elena Gerardo da Maia, gentil filha da sr.ª D. Zéa Pereira Coutinho da Maia e do sr. João Gerardo Garcia da Maia, presidente da comissão Concelhia da União Nacional da Azambuja; devendo a cerimónia realizar-se no meado do próximo ano.

Nascimentos

— A sr. D. Maria Luiza Colen Guerra Jardim Portela, esposa do nosso presado colega do «Diário de Lisboa», sr. Artur Portela. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saude de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Zeraida Salema de Castro Arame, espôsa do distinto clinico sr. dr. Castro Amaro, assistida pelo distinto clinico sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filha estão felizmente bem.

— A sr.ª condessa de Tomar, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Beatriz Menezes com o sr. Viriato de Albuquerque

RAJÁS DA ÍNDIA

Rajá Rajpipla

Há países que ficam na tradição como terras de grandiosidade, como países de fadas. A sumptuosidade de seus palácios, a riqueza dos seus reis, a beleza das suas paisagens, fazem dêsses países, um sonho O Oriente é todo êle uma fonte de fantasia, para os que sonham com as coisas grandiosas, com jóias fabulosas, palácios encantados, florestas tenebrosas.

A India é no Oriente um país de sonho como outro não há. As suas florestas de árvores perfumadas, de madeiras ricas, de sândalo, de chano, algumas dessas árvores com aspectos estranhos que lembram animais fantásticos. Flôres de côres vibrantes, mas de formas feias, que lembram insectos, perfumam a atmosfera ardente e húmida em que de um dia para o outro reverdescem em folhagem forte, os mais secos troncos, e, em que de um dia para o outro apodrecem e se desfazem em húmus, as fôlhas que caem, os troncos que morrem.

Nessas florestas a fôrça da natureza atinge o máximo da violência. Ao lado duma delicada flor, dorme enroscada, uma venenosa serpente, no ramo da perfumada árvore da canela, faz os seus trinados uma ave de brilhante plumagem, mas entre as verdes fôlhas espreitam os olhos glaucos e verdes, dum cruel tigre real, que espera a passagem da vítima que há de saciar, não a sua fome que muitas vezes a não tem, mas a sua implacável sêde de sangue e o seu desejo feroz de dilacerar com os dentes e com as garras, as carnes quentes e palpitantes, ainda, de vida.

A paisagem é bela mas em volta sente-se a traição e o europeu que tenta viver nela, uma vida civilizada, vive rodeado de perigos numa arrepiante atmosfera de álerta.

As suas montanhas colossais e escalvadas algumas, são ainda teatro de fantásticas cenas duma religião em que o sacrifício sanguinolento não deixa de ir, até ao da vida humana.

Palácios maravilhosos duma sumptuosidade, de que quem ali não foi nunca, não pode imaginar por grande que seja a sua fantasia, abrigam os seus «rajás», senhores de fortunas fantásticas.

Os seus templos assombro de grandiosidade maravilham-nos e aterram-nos, pela sua arte em que a par duma requintada ciência de escultura se concebe a mais horripilante faceta da humanidade.

Pierre Loti o grande evocador do Oriente o apaixonado de exotismo deu-nos nalguns dos seus livros a descrição maravilhosa da India, dos seus encantos e das suas apavorantes facetas de país misterioso e estranho, invadido por europeus, que os naturais, embora o disfarcem com a diplomacia oriental, não podem suportar.

Uma das suas mais belas descrições da India e: «L'Inde sans les Anglais». Mostra-nos aí essa parte da India em que raramente o europeu penetra e que é talvez aquela onde ainda vibra e palpita em tôda a sua fôrça, e, tôda a sua violência a alma indú, essa alma que disfarça a sua violência feroz, com o enigmático sorriso oriental, com essa ambígua cortesia que nós europeus não sabemos se é acolhedora ou irónica, mas na qual sentimos instintiva antipatia ou repulsa.

Mas não é dessa India que não conheço que lhes vou falar, mas sim dos seus «Rajás», fabulosos príncipes de contos de fadas, que se sentem atraídos pela Europa e pela civilizada vida das capitais mundiais, vida que por mais grandiosa que ela seja há-de parecer sempre mesquinha e acanhada, aos seus olhos habituados à mais rica sumptuosidade, vida oprimida para êles habituados a mandar e a dominar em extensísssimas regiões que se estendem pelo país, senhores de mar, de florestas, de campos imensos, que uma população completa de gente de raça que êles consideram ínfima, trabalha e grangeia para manter a sua vida de fabulosa riqueza.

Palácios onde vive uma população, onde as fontes de cristalinas águas cantam e murmuram sôbre róseos mármores ou em purpúreas taças de pórfiro, onde sôbre os leitos de sândalo, cobertos de setins brilhantes, profusamente bordados e rematados por perolas e pedrarias brilham e, onde vivem como nos contos das mil e uma noites, são a sua habitação de sempre.

Por mais dispendiosa e rica que seja a sua vida na Europa êles devem sentir a mesquinhez da nossa vida de civilizados, ao lado da grandiosidade da sua vida de orientais duma muito mais antiga civilização e dum luxo inegualável, e esplendoroso.

Na India inglesa há inúmeros «Rajás, que se adaptaram completamente à maneira de viver inglesa aos seus hábitos e costumes e aqui nesta altura temos de nos curvar diante da maneira de ver dos nossos velhos aliados.

Seja qual for o país em que dominem, em que entrem, em que vivam, por mais deslumbrante que seja a paisagem, por mais grandiosa que seja a riqueza e a vida dos habitantes da região, os subditos de Sua Majestade Britânica vivem a sua vida de sempre, em Bombaim, no Cairo, na Palestina, na Austrália, na China, na Africa, êles vivem como Mayfair em Londres, no Dorset, na Escócia, a mesma vida, dormindo nas mesmas camas, comendo o mesmo «roast-beef», bebendo o mesmo chá, o mesmo vinho do Pôrto, jogando o «tennis», fazendo «golf», «polo» e todos os seus desportos favoritos e o que é admirável é que não só fazem a sua vida como acabam por impô-la e fazê-la adoptar pelos naturais do país onde se instalaram e onde imperam.

Na fechada e misteriosa India como em tôdas as outras pontas da sua dominação os «Rajás» e os Magnates adoptaram hábitos e costumes ingleses e de tal maneira que acabaram por educar os seus filhos na Inglaterra e fazer dêles verdadeiros ingleses, embora conservem os seus títulos e o seu trajo nacional, porque é outra habilidade da infiltração inglesa, o respeito pelos hábitos indígenas.

Em Londres são inúmeros os «Rajás» e filhos de «Rajás» que enxameiam na alta sociedade inglesa, e enchem os colégios nobres e não nobres e as Universidades de Cambridge e Oxford.

São mundialmente conhecidos os «Rajás» que trocam a sua vida de nohábas orientais pelos prazeres de Paris, Londres, Roma ou Berlim, mas sobretudo em Londres há imensos embora o clima da grande metrópole não deva ser favorável aos orientais, habituados a climas muito diferentes.

O «Rajá» de Kapurtala foi um dos mais conhecidos, aqui há anos, porque se celebrisou pelo seu casamento com uma linda espanhola Anita Delgado, que não poude nunca viver na Índia porque a paixão que inspirava ao seu marido das mil e uma noites, causava um tal rancor ás índus suas antigas mulheres, que a vida da bela espanhola perigava, atentados orientais de que a violência era excluida, todos os dias a ameaçavam, uma cobra, uma víbora colocada nos seus sapatos, subtis venenos na sua alimentação, tornavam impossível a vida á usurpadora europeia, que tomára posse de todos os carinhos do senhor de Kapurtala.

Hoje em dia o mais inglês de todos os «Rajás» é sem dúvida Sua Alteza o «Rajá» de Rajpipla, príncipe reinante na Índia, e, um dos maiores amigos da Inglaterra como o provou durante a guerra, prestando os maiores serviços a êste país.

Habitando Londres grandes temporadas; é um desportista apaixonado e conhecidíssimo em todos os meios desportistas de Londres.

Senhor duma cavalariça célebre tem ganho o Derby com o seu cavalo «Windoor lod» tão célebre nos meios desportistas de Londres como o seu dono, o príncipe oriental.

A vida inglesa tão cheia de atrativos na sua simplicidade, conquista estes orientais, habituados a uma complicada vida da sua tão antiga civilização.

Os palácios de inauditas riquezas, as pérolas de Ceilão, as esmeraldas, os rubis, as safiras e os brilhantes, as florestas perfumadas, atravessadas por rebanhos de elefantes, povoadas de tigres, cheias de perigos e de encantos, a vida de senhores em procissões de soléne aspecto, são fàcilmente trocadas pelos «Rajás» da India inglesa, por uma tarde de corridas em Ascot, onde o setim branco do seu dolman é tocado pela multidão que se comprime, onde só os que os conhecem os cumprimentam, êles que no seu país de sonho, só vêm á sua passágem corpos posternados.

Num ponto o mais completo respeito á sua passágem, no outro olhares curiosos. No seu país as senhoras da sua família não são sequer olhadas, em Londres todos olham curiosamente as mulheres que — coisa curiosa — raramente abandonam o seu trajo nacional e são ponto de mira das multidões ávidas de originalidade.

Qual será o íntimo sentir destes «Rajás» da Índia, senhores de maravilhas, de riquezas colossais, de encantadoras regiões que trocam pela vida da Europa, apertada em férreas leis, acanhada e mesquinha, ao compará-la com a vida oriental?

Talvês êste sentimento de liberdade que sente todo o homem que vive esmagado na sua grandeza e que prefere o anonimato, no meio da multidão indiferente.

Seja qual fôr o motivo o caso é que os ingleses conseguiram impôr na Índia, a sua civilisação tão própria, e, tão impositiva e que atrairam á vida inglesa ás suas distrações e aos seus hábitos esses príncipes de luxo oriental, reinantes e senhores absolutos nos seus territórios de extranha beleza e de incomparável riqueza e fizeram «gentlemen» apurados e entusiastas, desportistas apaixonados, londrinos de facto inglês, os «Rajás» da Índia.

Mas se o poeta dizia evocando essas regiões de sonho:

A India! Não sonhais o que é
É um solo de amassadas flores
Rica em tais esplendores
Que cansam a nossa fé...

a Grã Bretanha soube compreender tudo isso...

MARIA DE EÇA.

A mulher tem na vida altíssimas responsabilidades para as quais não está talvez preparada, por deficiência da educação e por comodismo pessoal.

Antigamente na educação da rapariga havia apenas a preocupação de a adornar com uma relativa instrução, falar línguas, tocar piano, bordados, uma pintura que nada tinha de artística, uma como poeira de conhecimentos e habilidades, que faziam com que se dissesse de qualquer menina, que tivesse essa educação: é muito prendada.

Mas o ser prendada era pouco, e, muito bem o compreenderam todos, depois da conflagração europeia, em que a mulher se viu obrigada a arcar com pesadíssimas responsabilidades, para que não estava preparada, mas para orgulho do nosso sexo o devemos dizer, dêsses encargos se saiu inesperadamente bem.

Depois da guerra a preparação foi outra, a mulher inebriada pelo seu triunfo, pois ela foi a vencedora das retaguardas, animada pelas liberdades conquistadas nesse período de anormalidade, que durou quási cinco anos, orientou a sua educação no sentido pode dizer-se quási masculino, da preparação pelo estudo, para o emprêgo público, para a luta pela vida, para uma quási guerra ao homem, uma concurrência a lugares públicos e particulares, que trouxe uma verdadeira desorientação à vida social.

Não era ainda o verdadeiro caminho, aquele que da mulher culta e instruída pode fazer o melhor instrumento para o aperfeiçoamento da humanidade, papel êste que incumbe à mulher neste momento de incerteza e de luta que atravessamos.

A acção da mulher tem de ser feita dentro do lar e dentro do papel a que Deus e a natureza a destinaram, mas para que a mulher, possa assumir as responsabilidades pesadíssimas, que o seu papel de esposa e mãe lhe trazem, é absolutamente necessário, que a isso a disponha a sua educação e instrução.

Está perfeitamente assente e é compreensível, que a mulher tenha o seu curso, para que em caso de absoluta necessidade, dele se possa utilizar para ganhar a sua vida, mas é imprescindível que a par dêsse curso ela tenha a educação de mulher.

Não devem ser postos de parte na vida feminina, êsses conhecimentos que fazem as donas de casa perfeitas e as educadoras que a sociedade exige, para o bem colectivo.

A mulher tem de saber coser, seja rica ou seja pobre, deve saber fazer os seus vestidos, os seus chapéus embora não utilize essas habilidades, deve sabêr passajar e remendar a roupa, deve saber cozinhar, para que possa ensinar as suas criadas se as tem, e fazê-lo de forma que a família tenha uma sádia alimentação, quando não possa ter criadas, deve saber como se lava uma peça de roupa, deve conhecer o preceito de a passar a ferro.

Mas isto não basta, a mulher tem de ter conhecimentos de enfermagem, pois ela é sem dúvida alguma a enfermeira da família, e, que a Providência Divina entregou à sua guarda.

Tem de ter conhecimentos de puericultura para saber como tratar os seus filhos se tiver a suprema honra de ser mãe, e, o encargo tão dignificante de criar e educar cidadãos úteis e mães de família, que continuem o seu exemplo.

Porque é preciso que a mulher não esqueça que quando casa e funda um lar, a suprema felicidade dêsse lar e o penhor da bênção Divina nesse lar, é a maternidade.

E' um dever muitas vezes doloroso pois se a maternidade traz inefáveis alegrias, traz também graves responsabilidades e infindas preocupações, se não traz também dolorosíssimos desgostos, mas os perigos não isentam do dever, e o sacrifício é uma obrigação, que nos acompanha, quási desde que abrimos as olhos para o mundo.

E' portanto necessário que a mulher de amanhã, tenha a educação necessária para cumprir os seus deveres de mulher e que a sua educação de passarinho, emplumado de brilhantes côres, que era a de dantes, não seja hoje a dum ente fora do seu sexo, andrógina intelectual, que considera ínfimas as ocupações de mulher e doloroso o papel de mãe.

Tem de haver um cuidado especial com a educação e a formação da mulher, para que a mulher portuguesa seja um exemplo e para que de futuro nos possamos orgulhar das nossas mulheres, como actualmente nos orgulhamos de algumas figuras, que no passado, foram a glória da Pátria.

E hoje 1.º de Dezembro dia em que devemos religiosamente lembrar a heróica mãe que foi D. Filipa de Vilhena, mãe que criou e educou os seus filhos para serem bons patriotas, e, que ela mesma armou cavaleiros e paladinos da Independência Nacional, que o seu exemplo tão nobre e a maneira heróica como encarou as suas responsabilidades de esposa e mãe, frutifique e faça compreender às mulheres de hoje que ser mulher tem altas responsabilidades.

A vida da mulher não pode ser um encadeamento de divertimentas, em que apenas exige uma brilhante e ôca educação masculina, que tem de ser deixado ao homem.

A mulher tem de ser profundamente femenina e educada de forma a poder desempenhar a sua nobre missão, de sacrifício mas de glória, e, a ser dentro do seu lar, o que foi D. Filipa de Vilhena a instigadora dum elevado procedimento e de nobres acções.

MARIA DE EÇA.

A moda

Estamos em plena estação de inverno aproximam-se as festas do Natal e toda a mulher elegante quer pôr em órdem o seu guarda vestidos, e, fornecer-se de tudo o que torna a mulher verdadeiramente «chic».

Não está só na variedade das «toilettes» a elegância nem no seu preço mais ou menos exagerado, mas também na maneira de usar as coisas e também na escolha, a mulher que sabe vestir, procura cuidadosamente o que lhe fica bem e pode realçar o seu tipo de beleza.

Não é muitas vezes o exagero nem o valor da «toilette» o que a torna notável, mas sim a maneira graciosa como é usada, ou ainda a harmonia estabelecida entre o físico da senhora que a usa, e, o tecido e côres que se adaptam admiravelmente a êsse tipo de mulher.

Esta é a verdadeira arte de vestir, porque há diversas maneiras de vestir. Pode vestir-se com luxo, com gôsto, com espalhafato e, pode vestir-se numa senhora com arte. Esta é a maneira mais difícil de vestir, porque subintende, numa inteligência especial para o assunto, inteligência, que faz valer tudo o que há de belo numa mulher e sabe esconder todos os defeitos, porque não há melhor verdade do que o ditado: «Não há bela sem senão».

É pois essa arte que tôdas as senhoras devem pôr, na escôlha das suas «toilettes» de inverno, «toilettes» que durante meses, vão adornar a sua beleza, fazê-la brilhar, e levantar a fama de mulheres elegantes e verdadeiramente «chics».

A simplicidade não deve ser excluida pois que é um elemento que se não deve desprezar na valorisação da elegância feminina.

Damos hoje uma linda «toilette» da maior simplicidade de linhas embora dum complicado trabalho. E um vestido em pano cinzento claro todo soutachado, o bordado a «soutache» que tanto se usou já, tinha desaparecido por completo, voltou agora e com o maior entusiasmo, êste vestido justo ao corpo não tem outra guarnição, as mangas amplas e bem talhadas dão toda a graça á linha dos hombros.

Cinto em camurça preta, sapatos na mesma pele, carteira e luvas pretas, com um gracioso chapeu em feltro preto completam esta linda «toilette» usada por June Clayworth a linda «estrela» da Metro Goldwyn Mayer.

Nos chapéus há modelos dum atrevido exotismo mas que são interessantes para as frescas raparigas em plena juventude. Damos hoje um modêlo usado por Ann Rutherford, uma das mais elegantes artistas de Hollywood. Em forma de barrete frígio é feito em veludo de três côres combinadas, que mais contribuem para a novidade do chapéu. Azul, verde e côr de coral formam êsse originalíssimo conjunto.

Para a noite vê-se mais do que nunca a sandália prateada ou doirada, usada sem meias, damos como curiosidade um modelo, mas não ousamos aconselhar o seu uso.

Primeiro porque exige um irrepreensível pé estatuário, que nem toda a gente possue, depois porque o seu tratamento deve ser cuidadíssimo, e, ainda porque mostrar os pés nús é dum gôsto bastante duvidoso, mas nas crónicas de modas tudo tem de ser aproximado e exposto ao gôsto das leitoras.

Este ano vê-se aparecer mais cêdo nos centros elegantes de Paris os casacos de peles, que estavam um pouco abandonados estes últimos anos.

Damos hoje um elegantíssimo modêlo visto nas corridas de Loupchamps. Em magnífica lontra, pelo seu corte amplo de mangas «raplan», gola pequena em pé, e, fartas bandas, tem um cunho de elegância de bom tom; o fôrro é em setim côr de banana.

PÁGINAS FEMININAS

Chapéu em veludo preto e pequeno véu muito transparente.

Para a noite mais do que nunca voltam a usar-se as luvas e as pulseiras. Damos hoje um modêlo de luvas em veludo preto, elegantíssimas para acompanhar uma «toilette» de noite. Ficam admiravelmente com um vestido côr de rosa ou verde jade, sendo também muito usadas com uma «toilette» preta. As pulseiras em pedrarias têm uns desenhos muito modernos e são de grande beleza, dando magestade a qualquer «toilette» de noite com que sejam usadas.

As jóias voltam a ser muito usadas e são o complemento das «toilettes» de noite, que com elas ficam admiravelmente completadar.

As tranças dos chineses

Onde acabaram as tranças dos chineses? É o que se vai saber. Nas fábricas de óleos, uma espécie de sacas destinadas a receber a massa oleosa, que fica no fundo e da qual é necessário extrair todo o material utilisável, é duma grande importância. Estes sacos sofrem uma pressão fortíssima e suportam um alto grau de temperatura. Têm portanto de ter grande resistência. Antes da guerra fabricavam-se com pelo de camelo do Turkestão russo, mais tarde recorreu-se aos camelos chineses, mas o seu pelo era muito menos resistente.

Experimentaram-se várias fibras, mas nada resistia ás provas, Na época em que os chineses aboliram as suas tranças um engenheiro industrial examinou-as e experimentou o aproveitamento dessa resistente crina para êsse efeito. Os cabelos dos chineses demonstraram uma perfeita resistência possuindo uma elasticidade incomparável.

Mas acabou-se a reserva de tranças e foi então que se organisou em grande, a cultura dos cabelos, fonte de receita para muitos filhos do Celeste Império. A colheita faz-se uma vez por ano, em quási todas as regiões. Os cabeleireiros vão de casa em casa, e cortam as cabeleiras que já têm de 30 a 35 centimetros Existe a bolsa de cabelos que lhe fixa o preço, pena é que o cabelo das europeias não tenha a mesma resistência, pois não faltariam tranças para vender depois da moda dos cabelos cortados.

Uma escritora

Todos os países têm as suas escritoras e algumas de altíssimo valor. Entre nós está muito espalhada a literatura franceza e por êsse motivo as escritoras francezas são muito conhecidas.

A Itália de hoje tem uma pleiade de escritoras que honra a pátria das Artes e das Letras, mas entre os muitos nomes dignos de menção falaremos hoje de Clarice Tartufari. Romancista insigne é uma mulher que se distingue pela simplicidade, pela seriedade e pela altíssima inteligência que lhe permite observar o mundo com uma clareza e perspicácia admiráveis. Em geral diz-se que a mulher romancista nunca se liberta duma sentimentalidade doentia, que torna os seus livros duma piéguice insuportável.

Clarice Tartufari, não pode ser acusada dêsse mal. Prova-o a forma como a ela se referem as críticas literárias do seu país, onde a literata apezar dos grandes nomes que possui, é ainda apunhalada com certa violência pelos intelectuais masculinos.

Nêsse sentido conferem a Clarice Tartufari mudança de sexo no dominio intelectual, claro está, e, tratam-na de inteligência viril e masculina, o que representa um grande elogio para aqueles que entendem que uma inteligência, forte, enérgica e clara é apanágio do homem.

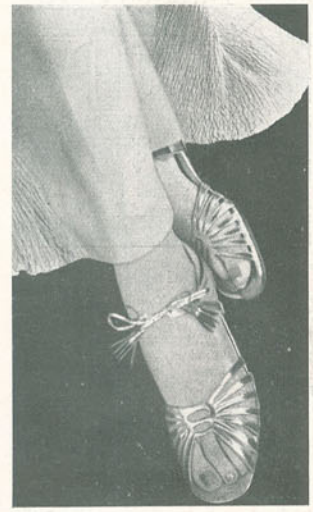
Clarice Tartufari prova que a mulher pode possuir uma inteligência completa e uma clareza de vistas que são ademiráveis sem para isso perder uma profunda sensibilidade feminina aliada a um ardente espírito de observação.

As eternas leis estão fechadas para a brilhante escritora na força das tradições bascando-se nas colunas amparadoras da vida social e da moral. Quem sae delas expia com o remorso a sua evasão embora rápida, e, paga-se com a desventura.

Para a ilustre senhora, a mulher deve manter-se fiel às virtudes femininas, à fé religiosa, à santidade da família, à dedicação pela Pátria. Estas eternas leis cla quere-as iluminadas pelo estudo e pela inteligência.

Encara a vida como uma coisa séria, mais triste talvês, que alegre, mas que tem uma sua poesia consoladora; a bondade das almas e a beleza das coisas.

A seriedade meditativa da sua arte admirável, doce e tranquila como um sereno céu de outono e os seus livros são bem os livros duma mulher superiormente inteligente e requintadamente feminina.



Higiene e beleza

Sempre a pele é a preocupação de tôda a mulher que preza a sua beleza, e efetivamente uma cutis fresca e rosada é um dos melhores elementos de beleza. Há receitas facílimas para conservar a beleza e algumas para quando a fadiga se nota no rosto e a pele toma um aspécto embaciado.

Quebra-se um ovo, separa-se a gêma da clara, e com a gêma unta-se a cara tôda, deixa-se esta máscara durante uma meia hora, em seguida lava-se a cara com água morna. Todo o sinal de cansaço desaparecem e eis a juventude que voltou. Esta receita é conhecidissima e muitas senhoras a usam.

Para os cravos ou pontos negros, eis uma receita: Depois de as tirar pela pressão ou com o aparelho próprio, passa-se na cara um algodão embebido na seguinte loção: Alcool a 90°, 250 gramas, solução sulfo-fuchnise, 12 c. m. c. Essência de rosas do oriente 5 gotas, essência de canela de Ceilão 5 gotas, essência de amendôas amargas 2 gotas, lanolina 5 gramas, água distilada de loureiro-cerejo 1 litro. E' de efeito surpreendente.

De mulher para mulher

Preocupada: E bastante razão tem para o estar, porque na verdade não sabe aproveitar a felicidade que possue. Se o seu marido tem as suas qualidades que diz, para que lhe faz essas cenas, que desculpe-me que lhe diga, parecem duma inconsciente? Ele saíu uma primeira vez e se assim continuar acabará por não voltar mais. Se o estima tanto, para que o apoquenta? Trate os nervos e tenha juizo porque senão, parece-me que terá muito maus dias na sua vida.

Alda: —Tem muita razão em querer fazer uma vida higienica que não exclua à correcção o que muito bem se pode aliar numa praia. Há fatos de banho muito elegantes, «maillots» e que são correctissimos, escolha um nêsse género. Os banhos de sol nunca devem ser demorados. Meia hora o máximo e sempre mudando de posição.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 9
Copas — — — —
Ouros — R. 9, 4, 2
Paus — 5, 3

Espadas — 7 | Copas — D. V 6, 3 | Ouros — 10 | Paus — R.

N

O **E**

S

Espadas — 5 | Copas — — — — | Ouros — 7, 5, 3 | Paus — 9, 7, 2

Espadas — V. 4
Copas — 10
Ouros — — — —
Paus — 10, 8, 6, 4

Trunfo paus. *S* joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga A. *e* e 2 *e*.
N entra de 7 *e* sôbre o 2 *e* e joga D. *p*.
Se **O** não entra com A. *p*, **N** — 5 *p*, **S** — R. *p* e V. *p* até **O** jogar A. *p*.
O pode fazer copas ou ouros.
Se faz copas, **S** — A. *c* e trunfa 3 vêzes descartando-se **N** por forma a conservar uma carta de copas, e **O** e **E** como quizerem.
Quando **S** joga o último trunfo, cada parceiro tem 4 cartas e **O** e **E** não têm forma de evitar que **S** e **N** firmem 5 *c*, ou 10 *e* ou 9 *o*.

A rapidez dos sonhos

Uma das coisas mais imprssionantes nos sonhos é a rapidez com que se verificam os sucessos que a nossa imaginação representa. Quando sonhamos, vivemos uma vida inteira num minuto; e no espaço de um segundo apenas executamos actos que não poderiamos tornar a executar no mundo objectivo, em muitas horas, ou até mesmo em muitos anos.

O conde Lavalette refere que, uma noite, encontrando-se encarcerado e condenado à morte, sonhou que tinha estado cinco horas à esquina de uma rua de Paris, a presenciar uma série contínua de horriveis cênas sangrentas, cada uma das quais o tinha impressionado profundamente; e, contudo, quando abriu os olhos, viu que tinha dormido não mais do que dois minutos.

Numa experiência mais recente, realizada com o fim de comprovar a veracidade destas teoria, despertou-se o dormente deitando-lhe na testa umas gôtas de água fria, operação em que só se empregou um momento; e, apesar da incalculável brevidade dêste acto, o dormente teve tempo para sonhar que estava fazendo uma excursão, durante a qual caíra a um lago, e que, durante a grande luta que sustentára para se livrar da morte, que por fim o venceu, se lhe haviam representado no espírito todos os factos da sua vida, como dizem que se representam às pessoas que, na realidade, se estão afogando.

Dez vezes a mesma soma

(Paciência)

Pegar nos quatro 7, nos quatro 8, quatro 9 e quatro 10 de um baralho de cartas e colocá-los em 4 filas de 4 cartas cada, de maneira que tanto horisontal, como vertical, como diagonalmente se leia sempre o mesmo número de pontos.

Os anais do coquetismo

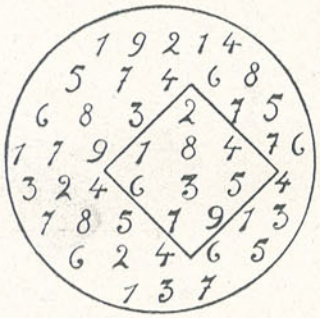
Engana-se quem pensar que entre a descoberta de Narciso mirando a sua própria imagem, e a invenção veneziana dos espelhos grandes, o homem, ou antes a mulher, não imaginou contemplar-se e adorar-se a si mesma.

Encontrou-se nas escavações de Antinöe, uma série de pequeninos espelhos compostos de esferas de vidro, no interior das quais estava aplicada uma folha delgada de chumbo; a moldura era também de chumbo, elegantemente ornamentada.

Êste utensílio de galanteria era trazido à cintura, pelas Afroditas e pelas Laïs do quarto e quinto século da nossa era; na Bulgária na Trácia, no Egípto, na Grécia, em Roma, era dum uso constante, e em Florença encontram-se ainda espelhos dêsse género.

Quebra-cabeças matemático

(Solução)



Muito embora os povos antigos já conhecessem a eletricidade, manifestada pelo poder atractivo do âmbar quando esfregado, pela sensação do toque no *torpedo* ou águia elétrica, etc., foi o físico inglês Gilbert quem no ano 1600 publicou o primeiro tratado sôbre magnetismo, revelando que além do âmbar outras substâncias adquiriam, pela fricção, a propriedade de atraír os corpos leves, chamando *elétricos* aos corpos que tinham essas propriedades.

Essa palavra veio do grego *electron*, que significa âmbar. *Eletricidade* significou assim, primitivamente o poder que tinham os corpos eléctricos.

A delicadeza, no Tibet, exige que, ao cumprimentar-se um estranho, se agarre na orelha direita, com a mão direita e se deite, a seguir, a língua de fora tanto quanto esta se puder estender.

Palavras cruzadas

(Solução)

P	E	R	A	■	M	■	D	E	D	O
O	■	A	R	M	A	D	O	S	■	V
T	E	■	O	R	N	A	R	■	R	E
E	S	T	■	S	O	S	■	S	E	M
■	C	A	S	■	S	■	R	U	M	■
I	R	M	A	O	■	R	A	C	A	O
■	I	A	M	■	J	■	T	I	D	■
I	B	O	■	M	A	O	■	A	O	S
R	A	■	B	A	R	B	A	■	R	I
R	■	P	I	R	R	A	C	A	■	S
A	S	A	S	■	O	■	O	S	S	O

A música e o cabelo...

A Joachim, o célebre violinista, perguntaram um dia se a música poderia exercer alguma influência no crescimento do cabelo des executantes.

— Enorme, respondeu o grande artista. A abundancia ou a raridade de cabelo varía conforme o instrumento que se toca.

— O piano, caro mestre, é favorável ou nocivo às cabeleiras abundantes como a de Absalão?

— Tudo quanto há de favorável. Olhe para Listz, para Rubinstein, para Paderewski, para Diemer. E veja também os grandes violinistas Paganini e Kubelik, entre outros. O trombone, o cornetim, etc., é que determinam uma calvície precoce.

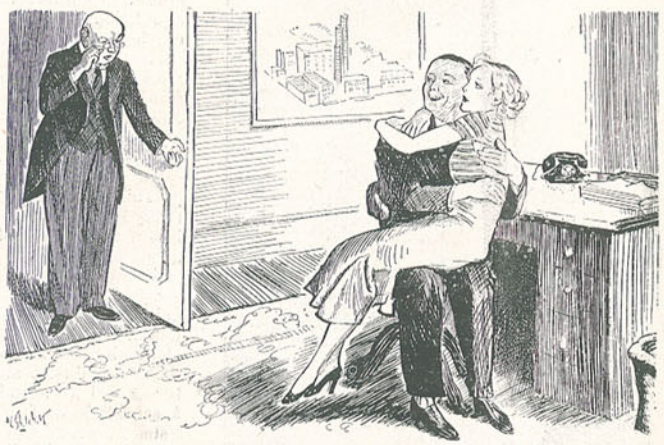
Ora aí está a razão porque os grandes pianistas e os grandes violinistas de fama têm todos uma guedêlha tremenda.

É dos instrumentos, que tocam. Se passassem a tocar... clarinête, ficariam com a cabeça calva como um queijo flamengo!

A môsca reveladora

Uma *troupe* de músicos ambulantes percorria as praias durante o verão, dando concertos ao ar livre.

E quando, em seguida à audição, um dêles ia recelher os donativos dos ouvintes, com uma bandeja na mão, os outros, que certamente tinham pouca confiança nêle, metiam-lhe uma môsca viva na mão livre, para quando o homem voltasse lhes poder provar que não tocara no conteúdo da bandeja...



O chefe do escritório: — Na verdade, sr. Silva! É para isto que eu lhe pago?
O empregado: — Não senhor, ora essa! Eu faço isto de graça.

(Do *London Opinion.*)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936

Esc. 19.048.594$54

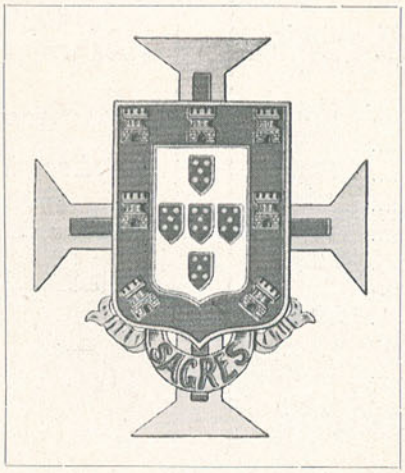
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936

Esc. 13.915.096$56

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO

DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

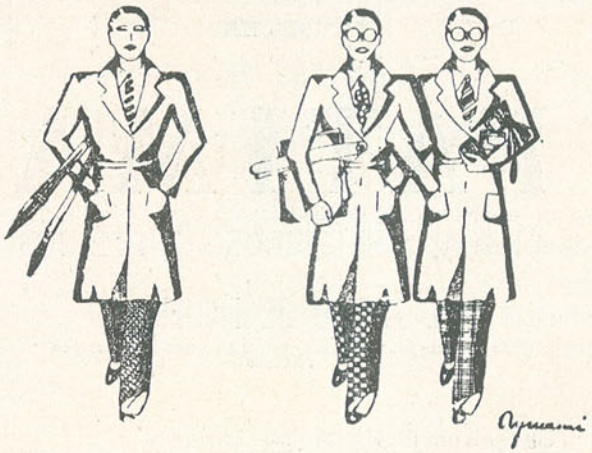
1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc, **27$00**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Dicionários escolares

Redução de preços dêstes Dicionários para auxiliar a população escolar

DICIONÁRIOS DO POVO na ortografia oficial, portateis, economicos, completos, em volumes encadernados

Português — 860 págs.	**12$00**
Francês-Português — 800 págs.	**13$50**
Português-Francês — 818 págs.	**13$50**
Inglês-Português — 920 págs.	**13$50**
Português-Inglês — 644 págs.	**13$50**
Latim-Português — 1.128 págs.	**25$00**
Francês-Português e **Português-Francês,** num só volume	**25$00**
Inglês-Português e **Português-Inglês,** num só volume	**25$00**

Os melhores e mais baratos

Fazem-se remessas à cobrança

À VENDA NAS LIVRARIAS

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 — LISBOA

A aparecer:

S. BANABOIÃO
ANACORETA E MÁRTIR

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... **12$00**
Pelo correio à cobrança... **14$00**

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

A APARECER BREVEMENTE
A NONA EDIÇÃO, REVISTA
11.º MILHAR

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

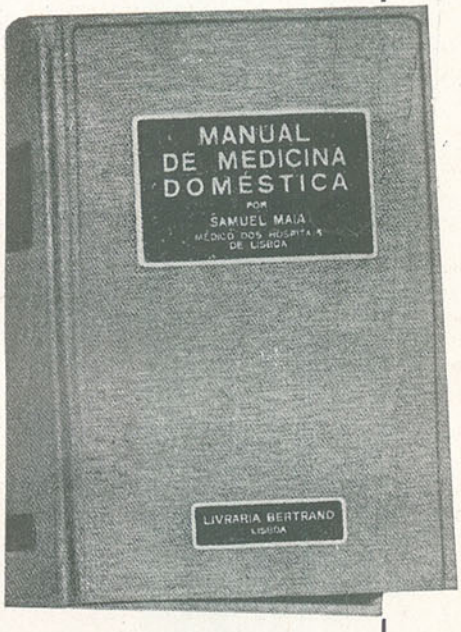
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

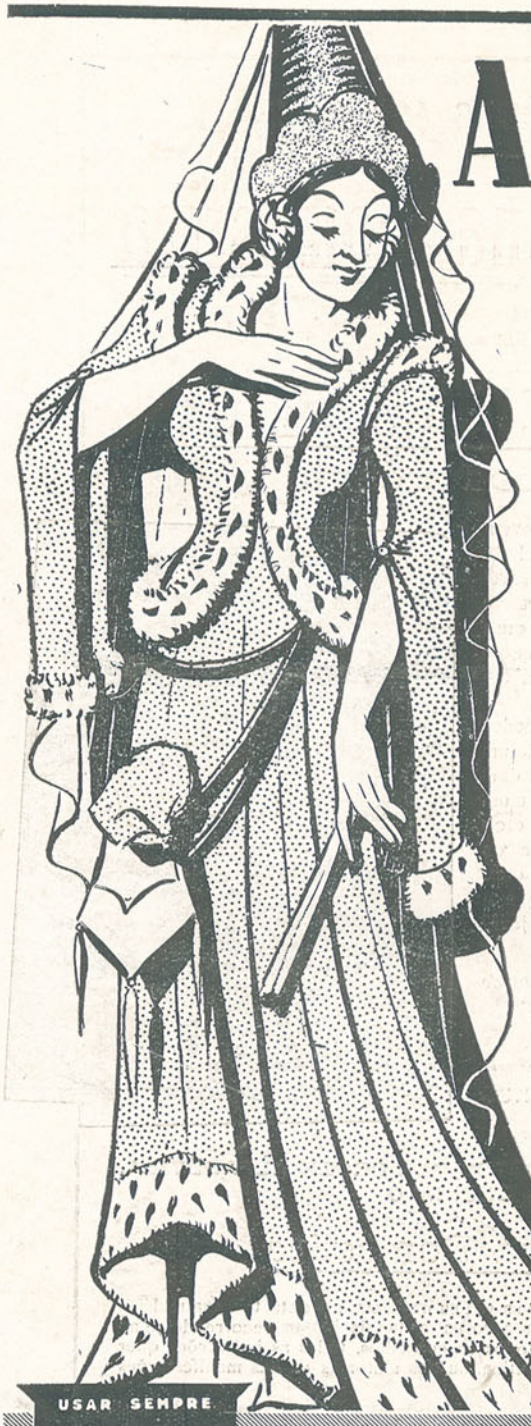
E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



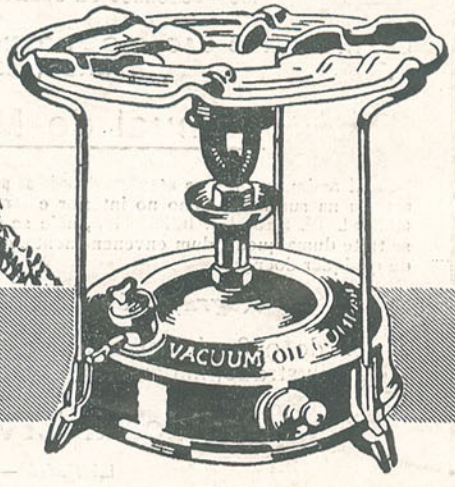
A BELA DONA

Quem não conhece a Bela Dona dos tempos idos. senhora de altas virtudes e linhagem? De mãos patrícias e prendadas, que nunca pôs os seus pèzinhos afiambrados na cozinha?

Pois se ressuscitássemos hoje a Bela Dona, por certo não hesitaria em aprender a cozinhar nos célebres Fogareiros Vacuum, e ouvi-la-íamos exclamar entre duas risadinhas cristalinas:

— Que bom! Que prático! Que asseado! Até se pode cozinhar sem estragar as mãos!

FOGAREIROS VACUUM



USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

1601

VACUUM OIL COMPANY